



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

CENTRO DE LETRAS E ARTES

ESCOLA DE LETRAS

A COISA DA COMUNICAÇÃO

Ayrton de Barros Nepomuceno

Rio de Janeiro

2023

Ayrton de Barros Nepomuceno

A COISA DA COMUNICAÇÃO

Trabalho de conclusão de curso apresentado à banca examinadora como um dos requisitos para a obtenção do Grau de Licenciado em Letras, realizado sob a orientação da Professora Doutora Luciana Vilhena

Rio de Janeiro, fevereiro de 2023

A coisa da comunicação

Ayrton de Barros Nepomuceno

Trabalho de conclusão de curso apresentado à banca examinadora como um dos requisitos para a obtenção do Grau de Licenciado em Letras, realizado sob a orientação da Professora Doutora Luciana Vilhena

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Orientadora

Profa. Dra. Luciana Vilhena

UNIRIO

Membro da banca

Profa. Dra. Giselle Sarti

UNIRIO

**Às minhas avós Dina [*in memoriam*] e Lina,
cuja garra e amor me inspiram a insistir,
persistir e nunca desistir.**

Agradecimentos

Tanto tempo como graduando somado a um sentimento gigantesco de gratidão geraram uma lista bem grande de agradecimentos. Vamos a ela.

Outros não poderiam figurar o topo da lista. Meus pais, um simples parágrafo não é o suficiente para expressar toda a gratidão que tenho por ser fruto desse amor. Obrigado mãe, por me dar o tema desse TCC e por me ensinar o significado de cuidado. Obrigado, pai, por me provar que o amor de pai e filho é mais forte que qualquer coisa. Obrigado pelo dom da vida, obrigado por me amarem pelo que eu sou, obrigado por cada instante de trabalho suado para dar a mim a oportunidade de vencer. Que honra ser filho de Denise e Mauricio! A vocês todas as nossas conquistas.

Minha irmã, agradeço por me ensinar dois dos maiores dons da humanidade: a partilha e a cumplicidade. Amanda, nenhum silêncio vale o tédio interminável que seria a vida sem você. Obrigado por ser meu porto seguro.

Tia Adelina, agradeço por cada conselho que me ajudou a encarar os desafios e por ter insistido que meu lugar era junto às letras.

Luna, você jamais irá compreender o que cada momento em que se aninhou no meu colo e o que cada lambeijo significou nos instantes em que me via perdido em meio às páginas de livros e crises de ansiedade. O amor mais puro tem quatro patas e late para o som da chuva!

Dona Drika Teixeira, agradeço o momento de epifania o qual me deu o Norte no tema desse TCC e por cada instante em que mandou a casa ficar em silêncio, mesmo sem precisar, para que eu escrevesse.

Lucas Gouvêa, qualquer coisa que escrevesse aqui não seria o bastante para agradecer o que você fez na minha vida. Obrigado por resgatar o Ayrton que estava perdido dentro de mim, sem ele nada disso teria o significado que tem. Obrigado por cada palavra de incentivo, por cada momento em que se dispôs a me ouvir e por cada instante que vivemos e viveremos.

Danillo Abrantes, jamais esquecerei aquele momento em que se levantou do outro lado da sala para me oferecer ajuda no meu primeiro dia na UNIRIO, jamais poderei agradecer pelos momentos de conversa sincera e descontraída que vieram depois disso. Rafaella Giordano, minha parceira de estresses com trabalhos, apresentações, provas e vida universitária no geral.

A maior representante de turma que a UNIRIO já viu, aquela que me ensinou a gostar de cookie de banana e que fez minha caminhada na graduação muito mais feliz. Muito obrigado!

Karina Santos, Danielle Soares e Rafaella Pereira, obrigado por estarem comigo em todos os desafios do ensino médio. Obrigado por aturarem minhas reclamações por sempre chegar cedo demais e ficar esperando nos rolês. Obrigado pelos 4383 dias de amizade mais pura e verdadeira.

Amigos da UNIRIO, obrigado pela acolhida, pelas noites de pizza, cervejas no Marcinho e momentos compartilhados que levarei para sempre comigo. Em especial, não poderia deixar de agradecer ao Andrew Furtado, por enfrentar ao meu lado o *Unibus* ou o 369 lotado, além de encarar meus papos chatos durante a viagem até em casa; e a Carol Logello, minha parceira de orientadora, por toda a companhia nessa reta final de graduação, pelas várias ajudas quando me enrolei com os documentos do estágio e pelas trocas durante a escrita desse TCC, que foram superimportantes para mim. Obrigado!

Luciana Vilhena, minha orientadora. Como você mesma diz: “Nada é por acaso!” Que jornada maravilhosa foi essa que dividimos! Não sei a melhor maneira para agradecer por todos os ensinamentos e palavras certas usadas nos instantes certos. Eu sou muito grato por ter sido seu aluno e espero um dia ser pelo menos 1/3 da professora que você é.

Muito obrigado a todos os professores da Escola de Letras por todo conhecimento compartilhado e pela busca por um ensino público, de qualidade e que é capaz de derrubar os muros da própria universidade. Em especial, gostaria de agradecer à professora Giselle Sarti, não apenas por ter aceitado compor minha banca, mas por ter despertado em mim um amor por fonética e morfologia que jurava ser impossível de acontecer.

Queria agradecer, ainda, aos professores do CPII – Realengo: Luiza Puntar, Ricardo Domingos e Marco Ponciano por abrirem suas salas de aula para me receber durante o estágio supervisionado. Com certeza me tornei um professor muito melhor depois das trocas que vocês me proporcionaram.

E por falar em me tornar professor, há seis pessoas que foram cruciais para que eu iniciasse nessa caminhada. Quédima Rodrigues e Adriana Kovacs, cujo senso de organização e habilidades no ensino de língua estrangeira eu levarei para a vida; Gustavo Coelho, cuja paixão por literatura me contagiou e me fez mergulhar de cabeça nessa graduação; Luciana

Motola, que parece vidente e sempre me apresenta a novos desafios os quais me tornam não só um profissional melhor, mas um ser muito mais evoluído. Obrigado e obrigado!

Tia Néia e Tia Marlei, sem vocês esse caminho não seria possível. Às vezes um empurrãozinho já é o suficiente para nos mostrar a direção a seguir. Vocês duas fizeram isso ao me apresentarem ao giz e ao quadro negro, quando menino, e depois, já mais crescido, ao pilot, à lousa e a uma sala cheia de alunos. Muito obrigado!

Obrigado a todos os amigos que fizeram dos momentos anteriores à UNIRIO tão leves, enriquecedores e inesquecíveis: Andressa Nery, Maria Clara Coelho, Sarah Bastos, Vanessa Alves, Felipe Tatson e Rafael Moreno.

Obrigado aos amigos que mesmo distantes fisicamente se fazem tão presentes, tão importantes e que sempre acreditam em mim até mesmo nos momentos em que nem eu mesmo acredito: Felipe Zanini, Lucas Costa e Djúlio Zanin.

Às razões pelas quais eu acordo feliz todo sábado de manhã, meus alunos, obrigado a todos vocês, sejam os que já passaram ou ainda passarão pelos mesmos espaços de educação que eu.

Por último, mas não menos importante, queria agradecer ao Ayrton do passado, cujos erros e acertos, melancolias e alegrias, fizeram de mim alguém muito mais forte; e ao Ayrton do futuro, cujas escolhas e conquistas me guiarão numa trajetória que mal posso esperar para trilhar.

Sumário

Introdução	2
1. A comunicação enquanto prática social	4
1.1. A crucialidade da comunicação	4
1.2. Problemas na comunicação	5
2. A coisa: pressuposto, referencial e memória transativa	8
2.1. Por trás do que foi dito	9
2.2. Entre substantivo e pronome	11
2.3. Recorrer ao outro: uma “memória externa”	14
3. Internet e seu impacto na memória	17
4. A coisa na prática	19
4.1. Metodologia de pesquisa	19
4.2. Análise dos dados	21
5. Considerações finais	34
6. Referências bibliográficas	36
7. Anexos	37
7.1. Anexo I	37
7.2. Anexo II	38
7.3. Anexo III	39
7.3.1. Situação Conversacional I	39
7.3.2. Questões	40
7.4. Anexo IV	40
7.4.1. Situação Conversacional II	40
7.4.2. Questões	41
7.5. Anexo V	42
7.5.1. Fluxograma	42
7.5.2. Situação Conversacional III	43
7.6. Anexo VI	45

Introdução

O ato da comunicação está presente desde os menores dos insetos ao maior dos mamíferos. Nenhuma outra adaptação melhor serviu para assegurar o desenvolvimento das espécies do que esta de repassar e/ou trocar informações, seja pelo som, por reações químicas ou gestos. Entretanto, mesmo sendo encontrada em diversas interações natureza afora, a comunicação tornou-se ponto essencial para a existência de uma espécie em particular: a humana.

Segundo Everett (2017), a invenção da linguagem baseada em símbolo remonta à Era Cenozoica, com os *homines erectus*, o mais antigo exemplar da espécie. Desde então, o ser humano vem se desenvolvendo cultural e intelectualmente baseado no uso da linguagem que, por sua vez, se diferenciou e pluralizou adaptando-se às mais variadas culturas, complexificando ainda mais o ato comunicacional. Dessa maneira, sociedades inteiras se ergueram e continuam a crescer graças à comunicação entre seus componentes.

A comunicação, portanto, se apresenta como ponto essencial para o entendimento da sociedade humana e da maneira como as diferentes culturas se apresentam. Mais importante ainda é tentar entender como os seres humanos, imbuídos das mais variadas subjetividades, se fazem compreender.

Em primeiro lugar, é preciso ser colocado que não há comunicação sem compreensão. Na Modernidade, quando a humanidade já fazia uso de um arcabouço linguístico complexo – seja sintática ou semanticamente – Ferdinand de Saussure (2012, p.43) deu um grande passo nos estudos da linguagem. Segundo ele, a comunicação ocorre através de um circuito que se inicia no cérebro de uma das pessoas, onde os conceitos se acham associados às representações dos signos linguísticos – imagens acústicas – que servem para exprimi-los passando, em seguida, por um processo físico, através de ondas sonoras, até chegar à outra pessoa que dá início a um novo processo. Logo, para que seja possível o fluxo de informação, é preciso que haja a menor interferência possível no canal, que a mensagem seja clara e que os interlocutores estejam a par dos mecanismos empreendidos por cada um.

Isso posto, é preciso caminhar novamente na história e chegar aonde nos interessa nesta pesquisa. No fim do século XX e início do XXI, a humanidade presenciou o rápido desenvolvimento da Internet. Com isso, o ritmo de vida acelerou, graças às praticidades advindas da conexão em rede. Como de costume, foi perceptível que a maneira de se comunicar acompanhou as mudanças da sociedade: o ritmo da fala se tornou mais rápido, palavras curtas passaram a ocupar papel de destaque e o empréstimo de vocábulos – seja vindo de idiomas

estrangeiros, seja pelo rearranjo de classes gramaticais dentro do próprio idioma – começou a ser amplamente utilizado.

De empréstimos vindos do exterior, é possível citar o aumento do uso de estrangeirismos e neologismos, estes últimos surgindo do contato dos primeiros com a língua nativa, por exemplo. De empréstimos vindos da própria língua, é possível perceber o alargamento do uso de “Palavras Coringa”, isto é, palavras que, deslocadas do seu sentido original possuem a capacidade de, apoiadas no contexto da conversa, substituir qualquer outra no enunciado – exceto determinantes e conectivos.

Tendo em mente o papel importante da análise linguística para compreensão das mudanças sociais, essa transposição de sentido se apresenta como um campo fértil para entender as transformações pelas quais a língua portuguesa tem passado no decorrer da era da tecnologia. Inferir tornou-se a palavra-chave na comunicação, uma vez que a necessidade de reconhecimento contextual tem sido crucial para o bom entendimento entre os interlocutores. Além disso, a capacidade de perceber os subentendidos também vem sendo posta à prova, à medida que os diálogos têm se apresentado mais enxutos.

Dessa forma, estabelecendo um recorte focado em uma metrópole, onde as relações sociais são, em sua maioria, mais complexas, e sob uma perspectiva indutiva, buscaremos compreender o uso das “Palavras Coringa” por falantes cariocas. Consecutivamente, analisaremos o impacto que o acesso à Internet promove na maneira de se comunicar. Tendo em mente, a todo momento, estabelecer um diálogo acessível com quem lê, de forma a possibilitar debates que não se encerrem dentro das paredes das discussões linguísticas.

Em um primeiro momento, faremos uma análise sobre a comunicação enquanto prática social. De uma maneira geral, tentaremos expor a essencialidade da comunicação na vida em sociedade, bem como a codependência entre ambas. Discutiremos a relação entre pensamento e linguagem e como a pluralidade de usos linguísticos pode gerar impactos negativos na compreensão.

Enfocando no tema central dessa empreitada, trataremos, na terceira seção, de três aspectos mobilizados pelo uso das “Palavras Coringa”. Sob uma perspectiva discursiva, apontaremos sua característica de pressuposição. Partindo para a estrutura textual, discutiremos a característica referencial da palavra “coisa”. Apontaremos, ainda, como todas essas particularidades se balizam na interconexão cognitiva entre os falantes envolvidos na comunicação.

Discutiremos, depois, de que maneira a Internet entra em cena para impactar o uso de “Palavras Coringa”. Estabelecendo um tom interdisciplinar no trabalho, explicaremos, de maneira breve, como a Internet se coloca como incentivadora da interconexão de memórias, de modo a provocar um hiperdesenvolvimento da chamada *informação de localidade* em detrimento das demais.

Por último, verificaremos como as discussões levantadas no decorrer do trabalho são percebidas na prática por aqueles que fazem uso das “Palavras Coringa”. Para tanto, disponibilizamos formulários, a fim de notar se, quantitativamente, as relações nas redes virtuais têm conexão com a maneira de se comunicar fora delas. Ainda, tentamos promover um laboratório de conversa com falantes de diferentes faixas etárias, objetivando analisar se eles próprios compreendem as maneiras como as “Palavras Coringa” são utilizadas no decorrer de conversas específicas.

É importante ressaltar, antes de seguirmos, que este trabalho não visa a apresentar as “Palavras Coringa” em sua completude, mas estabelecer discussões teóricas e coleta de dados que sirvam de base e incentivo para um posterior aprofundamento de análises.

1. A comunicação enquanto prática social

1.1. A crucialidade da comunicação

Antes de mergulharmos nas reflexões quanto ao uso de “Palavras Coringa”, precisamos estabelecer um ponto de partida para tal. Em primeiro lugar, é necessário termos em mente que o estudo da linguagem figura um dos caminhos essenciais para a compreensão das ações sociais. Sendo um animal político, o ser humano liga-se necessariamente à faculdade de falar, isto é, a comunicação torna-se essencial para criar e estabelecer relações sem as quais as sociedades humanas não existiriam.

A professora Maria Helena de Moura Neves (2001), debruçando-se sobre os estudos linguísticos de Aristóteles, aponta a comunicação das distinções surgidas pelo *lógos*¹ como a base para a sociedade. Ou seja, a capacidade de produzir e reproduzir as diferentes

¹ Junto de *páthos* e *ethos*, forma as três maneiras de persuasão do discurso retórico tido como a linguagem própria da *Polis*. Uma linguagem de exercício político, uma linguagem prática, parafraseando a autora (NEVES, 2001, p.58).

conveniências e inconveniências, justiça e injustiças, através da fala, é crucial para a característica gregária da espécie.

Todavia, devemos comentar que a comunicação não se limita a apenas apresentar a realidade sensorial através da linguagem. Pensemos a seguinte situação: perto das três da manhã, a filha liga para a mãe de seu celular dizendo “Tô na rua, ainda, e acho que não tem ônibus”. Em primeira instância, podemos notar que o objetivo da comunicação seria informar o motivo do atraso na volta para casa. Em uma análise mais aprofundada, porém, somos capazes de observar, por exemplo, estruturas sociais, aspectos na relação mãe/filha, as questões sociocognitivas que partem da filha e atingem as da mãe², entre outros fatores.

Logo, ao nos comunicarmos, mobilizamos não apenas estruturas linguísticas como afetamos e nos deixamos afetar pelo outro no discurso. Em outras palavras, uma conversa é capaz de provocar o intercâmbio de informações que, sob uma visão mais expandida, implicam não só na relação psicológica entre interlocutores, como também na constante recriação e reafirmação das estruturas sociais em si.

A sociedade é, portanto, a condição da linguagem, como afirmou Benveniste (2020). Podemos mencionar ainda o seu inverso: a linguagem é a condição da sociedade. Todos os valores, culturas e conhecimentos só podem ser partilhados pela linguagem e, também eles, só podem ser criados na relação com o outro, isto é, pela troca que a comunicação proporciona.

Mas – podemos nos questionar – em um mundo de variadas culturas, valores e dinâmicas sociais, onde há perceptivelmente uma gama gigantesca de maneiras para comunicarmos o mesmo assunto, como que a linguagem pode figurar um espaço tão importante? Vejamos na seção a seguir.

1.2. Problemas na comunicação

Recentemente, foi noticiado que a humanidade atingiu o número surpreendente de 8 bilhões de habitantes. Auxiliando esses números, temos cerca de 302,8 milhões de pessoas membros da chamada Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), das quais, aproximadamente, 217,7 milhões são brasileiras. Com isso, podemos concordar que vivemos em um verdadeiro “caos linguístico”, como apontou Tarallo (1997).

² A comunicação em questão é influenciada pela situação de perigo que a sociedade, tipicamente machista e violenta, coloca a mulher que anda pelas ruas de madrugada, pela relação de hierarquia entre filhos que devem explicação aos pais, pela sensação de segurança da filha ao estabelecer contato com a mãe – o que, possivelmente, provoca desconforto na mulher que recebe a informação, ente outros fatores.

Segundo Benveniste (2020, p.77), fazemos da língua que falamos usos infinitamente variados, mas eles têm caracteres em comum. Ele diz que, por um lado,

(...) a realidade da língua permanece, via de regra, inconsciente; excetuando-se o caso de estudo propriamente linguístico, não temos senão uma consciência fraca e fugidia das operações que efetuamos para falar. O outro consiste em que, por mais abstratas ou particulares que sejam, as operações do pensamento recebem expressões na língua.

Com isso, podemos apreender dois pontos interessantes de serem analisados: a relação íntima entre língua e realidade e as chamadas “leis do discurso”.

Retornemos a Aristóteles. Segundo o filósofo, o ser humano categoriza a realidade a fim de compreendê-la. Dez categorias, para sermos mais exatos, são utilizadas para classificar tudo que é capaz de ser apreendido pelos sentidos. Por exemplo, ao notarmos que uma mulher ruiva está sentada em um banco, mobilizamos pelo menos três categorias diferentes: a *substância* (mulher; banco), a *qual* (ruiva) e a de *estar em posição de* (está sentada). Classificando aquilo que percebemos no mundo, podemos considerar que estamos tratando não somente de categorias do pensamento, como propôs Aristóteles, como também de categorias linguísticas³.

Dessa maneira, podemos afirmar que a linguagem se apoia na realidade para, através do uso de símbolos sonoros ou imagéticos, expressá-la, ou seja, a observação da mulher ruiva no mundo real gera o enunciado “A mulher ruiva está sentada em um banco”. Entretanto, não podemos cair na armadilha de dizer o inverso. A linguagem depende da realidade para existir, mas a percepção da realidade independe da nossa capacidade comunicacional⁴.

Se a percepção do mundo não depende da comunicação, ela é, então, algo particular de cada indivíduo. Porém, somos seres cuja existência na realidade depende da relação que criamos e perpetuamos uns com os outros. Como vimos anteriormente, tal relação se dá na e pela linguagem. O problema que se coloca é: de que maneira conseguimos fazer as percepções dos pouco mais de 8 bilhões de seres humanos convergirem?

³ Aquilo que os estudos gramáticos chamam de classes de palavras, que, no nosso exemplo, seria substantivo (mulher; banco), adjetivo (ruiva) e verbo (está sentada).

⁴ Para entendermos melhor essa colocação, pensemos na seguinte situação: colocando-se como a maioria leiga quando se trata de comida ou perfume, quantas vezes tentamos descrever um sabor ou um odor a alguém e não somos capazes de atingir nosso objetivo? Apesar disso, não podemos negar que tal odor ou sabor exista, isso é, seja real. Em outras palavras, nem sempre conseguimos utilizar a linguagem para falar de algo que vimos ou sentimos em dado momento, mas, mesmo não conseguindo verbalizar, não podemos negar sua existência no mundo real. Por estar intimamente atrelada aos sentidos – tato, olfato, paladar, audição, visão –, a realidade só pode ser definida pela experiência e nem sempre a linguagem consegue refleti-la. Mesmo assim, como vimos, fazemos uso da linguagem para tentar expressar aquilo que é apreendido por esses mesmos sentidos, mesmo que, por vezes, não sejamos capazes de levar a experiência junto dos vocábulos.

Uma afirmação que precisa ser colocada nesse momento é que, devido a fatores além dos relacionados diretamente aos linguísticos⁵, e que não caberiam no nosso debate, torna-se quase impossível fazer com que uma pessoa, que faz uso de determinada linguagem, se faça compreender tranquilamente por todas as restantes no planeta. Apesar disso, não é aceitável mencionar que a comunicação é algo impossível. Afinal, estamos nos comunicando neste exato instante. Isso se faz admissível porque, em tese, desde quando a comunicação foi estabelecida, aceitamos as normas que ela propõe.

Dominique Maingueneau (2013, p.21), em *Análise de Textos de Comunicação*, reafirma o que vimos até o momento. Segundo ele, para que possamos abordar de maneira conveniente os enunciados, não podemos nos basear em uma concepção inadequada do sentido. Cada enunciado é portador de um sentido estável que lhe foi conferido pelo locutor. Da mesma forma, na outra ponta do diálogo, o alocutário precisa supor que o outro, durante a comunicação respeita certas “regras do jogo”. Chamamos tal relação mútua entre interlocutores de princípio de cooperação.

O ato comunicativo não se dá no vácuo. Para que o princípio de cooperação seja eficaz, é preciso que os interlocutores mobilizem a atenção para fatores extra e intralinguísticos⁶. A quebra da comunicação só ocorre quando não levamos em conta o contexto, o grau de informatividade e a clareza que influenciam diretamente o enunciado. Tais regras são caras para a discussão aqui empreendida e merecem ser examinadas um pouco mais.

“A enunciação deve ser maximamente adequada ao contexto⁷ em que acontece: deve interessar ao destinatário, fornecendo-lhe informações que modifiquem a situação” (MAINGUENEAU, 2013, p.37-38). Dessa maneira, sempre que dizemos algo, o fazemos, pois há pertinência tanto para nós quanto para o nosso interlocutor naquele instante. Uma conversa sobre legumes, por exemplo, pode ser mais facilmente proferida no setor de hortifruti do mercado do que em uma oficina mecânica – mas não podemos descartar o possível caso de termos que levar o carro, que enguiçou a caminho da feira, para um conserto de emergência e iniciarmos um debate sobre o preço absurdo da batata.

⁵ O professor Daniel Everett, em *Linguagem – a história da maior invenção da humanidade*, faz um apanhado bem interessante de todos os fatores que influenciaram direta e indiretamente para impedir a instauração de uma linguagem universal.

⁶ Abordados por Maingueneau como Leis do discurso.

⁷ Podemos entender como *contexto* a combinação entre o ambiente físico em que se dá a comunicação, as sequências enunciativas que vêm antes e depois do enunciado proferido e o conhecimento de mundo que ambos os interlocutores lançam mão enquanto se comunicam.

O conteúdo dos enunciados, além disso, deve ser informativo para o destinatário. Não se deve falar para não dizer nada e não se pode esconder uma informação importante (MAINGUENEAU, 2013, p.39). Dizer que um carro é um carro ou iniciar uma conversa com “eu tenho dois,” e não dar sequência, seria uma transgressão aos princípios da comunicação de maneira a impedir que ela alcance um dos seus principais objetivos: a troca de informações.

Todas essas características apontam para a necessidade de sermos claros no que enunciamos. Como mencionado anteriormente, a comunicação só é possível se houver compreensão. Qualquer ruído que houver no ato comunicacional pode levar à quebra ou à desinformação, fatores opostos àquilo que objetivamos quando nos comunicamos.

Apesar disso, os enunciados e termos que ficam implícitos no discurso são uma realidade que não podemos ignorar. Observemos o diálogo a seguir entre dois amigos⁸ que estão jogando determinado jogo de videogame:

Falante 1: Pra você eliminar as tartarugas, você só precisa pular em cima delas.

Falante 2: Tá! Mas por que eu diminuí de tamanho quando pulei naquela outra?

Falante 1: Porque ela tem espinho, né? Cê só consegue acabar com ela se pegar aquela coisa lá que faz o boneco jogar bola de fogo.

Falante 2: Ah, faz sentido!

Se precisamos ser claros no que dizemos e não podemos esconder informações durante o ato discursivo, de que maneira o Falante 2 no nosso exemplo compreendeu o que seu amigo quis dizer com “coisa”? Chegamos a um ponto em que podemos afunilar um pouco mais nossa análise.

2. A coisa: pressuposto, referencial e memória transativa

Nem tudo que enunciamos apresenta seu sentido no ponto mais superficial da língua. Podemos perceber que existem estruturas que, quando deslocadas do contexto em que são enunciadas, num primeiro momento, transformam sua “essência informacional”⁹. Do mesmo modo, existem certos vocábulos que, quando deslocados do seu sentido original, são capazes

⁸ Alguns termos utilizados no decorrer da conversa foram propositalmente alterados da sua forma padrão de escrita para demonstrar a informalidade do discurso e aproximar-se da prosódia carioca. Tal fator será importante para uma discussão posterior.

⁹ O sentido do enunciado “Não tenho muito o que fazer”, por exemplo, transforma-se quando antecedido por “Não há muitas demandas na empresa onde trabalho” e de “É uma escolha dele. Ele que decidiu faltar a escola hoje”.

de substituir termos que foram ou mencionados anteriormente na conversa, ou que só são entendidos no decorrer dela, através de estruturas que estão “ao redor” do ato comunicativo. Essas palavras apontam para um fenômeno que congrega características específicas de diferentes estruturas linguísticas, tornando-se uma zona frutífera para análises das mais diversas.

A língua portuguesa – mais especificamente a falada no Brasil – nos oferece termos que designamos aqui como “Palavras Coringa”¹⁰. Em um jogo de baralho, determinada carta é convencionalmente escolhida para representar qualquer outra em uma sequência. Tal representação, apesar de funcional, aponta para um imediatismo provocado pela dinâmica criada no jogo e resulta em danos à pontuação do jogador no fim da partida. De uma maneira semelhante, vocábulos como coisa/treco/negócio/bagulho são retirados e transformados dos seus sentidos originais para substituir outras palavras, muitas vezes em contextos em que usualmente não seriam empregados.

Grande parte das vezes tendo seu uso gerado pelo esquecimento de determinado termo e/ou pelo imediatismo inerente à comunicação na sociedade moderna, esse fenômeno mobiliza ou aspectos que estão implícitos, sendo inferidos no decorrer do discurso, ou que já foram mencionados de maneira verbal ou não-verbal em algum outro momento. Em ambos os casos, no entanto, podemos perceber ainda que tal fenômeno se apoia em uma interconexão existente entre a memória dos interlocutores.

2.1. Por trás do que foi dito

Retomemos um trecho do exemplo na seção anterior:

Falante 1: (...) Cê só consegue acabar com ela se pegar aquela coisa lá que faz o boneco jogar bola de fogo.

Maingueneau nos indica o seguinte exercício: colocando a segunda oração no negativo, “Cê só consegue acabar com ela se não pegar aquela coisa lá que faz o boneco jogar bola de fogo”, e no interrogativo, “Cê só consegue acabar com ela se pegar aquela coisa lá que faz o boneco jogar bola de fogo?”, podemos observar que o sentido original da instrução dada pelo

¹⁰ Apesar de haver estudos bem profícuos em relação ao fenômeno da lexicalização, percebemos uma baixa nos exames a respeito da existência e uso de tipos específicos de vocábulos – como coisa/treco/negócio – e suas variações regionais – como trem, em MG. Logo, cunhamos esse termo para facilitar a análise.

Falante 1 é alterado em ambas as frases. Porém, seguindo as leis do discurso¹¹, não podemos negar a existência da “coisa lá que faz o boneco jogar bola de fogo”, isto é, por trás desse enunciado foi vinculada uma informação que não se pode discutir. Chamamos tal informação de pressuposto.

O uso da palavra “coisa”, no exemplo acima, estabelece uma relação de polifonia¹² representada pelo fenômeno da pressuposição. Dentro desses termos, ao analisarmos o pressuposto vinculado àquele enunciado, consideramos que seu conteúdo é assumido por uma pessoa anônima e coletiva com a qual o Falante 1 se mostra de acordo (MAINGUENEAU, 2013, p.171).

Assim, independentemente da motivação para o uso da palavra “coisa”, o Falante 1 só o fez pois acreditava haver um conhecimento prévio e coletivo do termo que foi substituído a ponto de que tal ação não influenciasse negativamente na apreensão do seu sentido. Colocando de outra forma, a inferência do Falante 2 foi possível porque ele entendia como o jogo funcionava, bem como os resultados de cada ação que desempenharia dentro dele.

Essa característica extralinguística do uso da “Palavra Coringa” não nega a necessidade de relações intralinguísticas para sua realização. A compreensão do termo substituído deu-se não apenas pelo conhecimento do contexto em que estava inserido, como também pelos outros vocábulos com os quais estava em relação, isto é, pelo cotexto – também chamado de contexto linguístico, por Maingueneau (2013, p28).

Dessa maneira, desempenhando sua função de oração adjetiva, a sentença “que faz o boneco jogar bolas de fogo”, que gramaticalmente tem seu uso opcional pela não essencialidade, figura pragmaticamente como uma estrutura importante para o objetivo da comunicação. Com a retirada dessa oração da frase original, por exemplo, podemos observar a abertura para múltiplas interpretações, muitas delas diferentes daquela que desencadeou o diálogo.

Sob a mesma perspectiva, como uma ponte entre o mundo sensorial e o puramente linguístico, o pronome demonstrativo “aquela” reforçado pelo advérbio “lá”, empregados no enunciado, fazem referência não a algo mencionado de maneira verbal anteriormente, mas a

¹¹ Seriam transgredidas as leis da informatividade e da exaustividade – esvaziando o discurso – caso as últimas orações fossem colocadas no negativo posto que, relacionado ao contexto do jogo em si, ambos os interlocutores têm consciência de que o personagem não está constantemente lançando bolas de fogo (algo que o enunciado “...se pegar aquela coisa lá que faz o boneco não jogar bolas de fogo” poderia remeter) e não existe na dinâmica do jogo “uma coisa lá que não faz o boneco jogar bolas de fogo”.

¹² Entendemos polifonia como a ideia de que quando “(...) um locutor fala, ele não se contenta em expressar suas próprias opiniões; ao contrário, ele faz ouvir diversas outras vozes, mais ou menos claramente identificadas, em relação às quais ele se situa.” (MAINGUENEAU, 2013, p163)

algo que é percebido pelos sentidos. Notamos aqui, mais uma vez, a relação entre linguagem e realidade. Ao usar esses termos, o Falante 1 retoma aquilo que ambos os interlocutores visualizaram na tela onde aparece o jogo, algo que está implícito no diálogo posto que não pertence ao mundo verbal.

Interligados ao vocábulo “coisa”, tanto a oração como as palavras apontadas acima ajudam a defini-lo e a guiar a interpretação do Falante 2. Além disso, essa relação entre palavras também auxilia a promover a função para qual a “Palavra Coringa” foi empregada: a referência a um nome anterior. Essa característica, particularmente, faz com que a “Palavra Coringa” analisada até o momento – bem como os outros termos que podem ser classificados assim – torne-se um vocábulo cuja grande peculiaridade precisa ser discutida com maior enfoque.

2.2. Entre substantivo e pronome

Começemos essa subseção observando algumas definições. Segundo o dicionário Michaelis, a palavra “coisa” pode ser definida como substantivo feminino que diz respeito a/ao

1. Tudo que existe ou pode existir;
2. Um objeto inanimado em oposição a um ser vivo;
3. Aquilo que se pensa;
4. Algo ao qual nos referimos; acontecimento, caso, circunstância;
5. Aquilo que tem existência concreta; fato, realidade;
6. O conjunto do que existe;
7. Assunto, matéria ou objeto de que se trata;
8. Essência ou substância, em oposição à forma e à aparência;
9. Aquilo que liga, une; relação, vínculo;
10. Transação na qual a pessoa está envolvida; negócio;
11. Razão para realizar algo; causa, motivo;
12. Aquilo que é realizado; ato, feito;
13. Aquilo de que não se tem conhecimento; mistério, segredo;
14. Mal-estar súbito, inexplicável;
15. Órgão sexual feminino ou masculino;

(...)

O dicionário Priberam, por sua vez, aponta que esse vocábulo pode ser definido como nome feminino que diz respeito a/ao

1. O que existe ou pode existir;
2. Objeto ou ser inanimado;
3. Acontecimento, negócio ou facto que interessa às pessoas envolvidas;
4. Assunto de que se fala ou trata;
5. Aquilo que se desconhece ou que causa inquietação ou desconfiança;
6. Indisposição, mal-estar ou doença súbita;
7. Qualquer objeto que não se quer ou não se consegue nomear;

(...)

Apesar de possuir uma gama enorme de definições, corriqueiramente, a palavra “coisa” pode ser classificada como um substantivo. Todavia, observando os pontos de número 4 da definição dada em Michaelis e de número 7 presente no Priberam, podemos notar um fator que a coloca em uma zona onde substantivos e pronomes se encostam.

Por um lado, não podemos negar sua classificação como substantivo uma vez que, em primeira instância, pode ser usada para referir-se a diferentes entidades (NEVES, 2000, p.67). Podemos dizer ainda, seguindo a perspectiva de Neves, que tal palavra é, em sua essência, um substantivo comum, visto que seu emprego nos mais variados enunciados condiz com a maioria das características inerentes a essa classe. Vejamos no exemplo a seguir:

A coisa que você me deu de aniversário sumiu.

Como um substantivo comum, a posição sintática do termo ocupa o núcleo do sintagma nominal, independentemente se está alocado no espaço de sujeito – como em “A coisa sumiu” – ou de objeto direto – como em “Você me deu a coisa de aniversário”.

Sua propriedade denominativa também é percebida. Sendo um nome, o vocábulo designa “(...) entidades cognitivas e/ou culturais que possuem certas propriedades categorizadas no mundo extralinguístico” (NEVES, 2000, p.68). Mesmo possuindo caráter generalizante¹³, somos capazes de denominar *coisa*, como fizemos no início desta subseção.

No entanto, a função de definir descritivamente o referente lhe foge. Por exemplo, pensemos em um grupo de pessoas. Se em dado momento uma delas mencionar a palavra “máquina”, isoladamente, além das reações de confusão quanto à aleatoriedade do ato, as outras pessoas mobilizarão estruturas cognitivas que ligarão o vocábulo a computador, lavadora, carro, etc. A possibilidade de alguém relacionar tal termo a qualquer outra entidade mais afastada de uma determinada categoria, como pano de prato ou planta, será quase nula. Se, da mesma forma, alguém mencionar a palavra “coisa” no mesmo grupo de pessoas, a quantidade e a variabilidade de entidades a serem relacionadas seria quase infinita.

Podemos observar que essa característica de “coisa” a faz se aproximar de certos tipos de pronomes. Se fizermos o mesmo exercício acima, mas agora utilizando o pronome “algo”, perceberemos, da mesma maneira, que nenhuma categoria de entidades em específico será

¹³ A própria professora Maria Helena de Moura Neves se refere ao vocábulo “coisa” como um nome de genericidade extrema (2000, p.541).

mobilizada para ser relacionada ao termo. Esse caráter não-fórico¹⁴, típico dos pronomes indefinidos, também é percebido nas “Palavras Coringa” justamente por essa possibilidade interpretativa generalizante que possui.

Ao mesmo tempo, de maneira paradoxal, podemos dizer que, quando contextualizadas as “Palavras Coringa” almejam ser palavras fóricas, isto é, ao substituírem vocábulos no enunciado, essas palavras assumem função particular de fazer referência, sem, entretanto, nomear ou denominar, como fazem os substantivos. Essa função é percebida quando retornamos a um ponto no diálogo da seção anterior:

Falante 1: (...) Cê só consegue acabar com ela se pegar aquela coisa lá que faz o boneco jogar bola de fogo.

Ambos os vocábulos destacados assumem função fórica de maneira que “ela” se refere a um substantivo feminino, nesse caso, mencionado anteriormente no discurso – “tartaruga”; e “coisa” se refere a um vocábulo que não sabemos ao certo se estava explícito no discurso anteriormente, mas que é de entendimento comum entre os interlocutores. Com a permutação, essa aproximação com os pronomes se torna mais evidente:

(...) Cê só consegue acabar com a coisa se pegar aquilo¹⁵ que faz o boneco jogar bola de fogo.

Logo, podemos dizer que as “Palavras Coringa” reúnem e renegam características típicas de substantivos e pronomes, se colocando no limiar das duas classes. Ainda, é preciso reafirmar que todas as classificações das quais esse tipo de vocábulo pode fazer parte têm como ponto em comum a necessidade de mobilizar aspectos do conhecimento dos interlocutores, em maior ou menor grau, para que seja mantida a comunicação.

Uma particularidade, no entanto, das “Palavras Coringa” aponta para a necessidade de confluência de pensamentos entre os interlocutores, para que a compreensão não sofra prejuízos. Trataremos disso com um pouco mais de cuidado na próxima subseção.

¹⁴ Definido como vocábulos que “não dão informação da natureza dos objetos, operando sobre um conjunto de objetos previamente delimitados em razão de suas propriedades.” (NEVES, 2000, p.533)

¹⁵ Como visto anteriormente, os vocábulos “aquela” e “lá” figuram estratégias discursivas empregadas pelo uso da “Palavra Coringa” como uma forma de reduzir seu atributo generalista. Logo, com a retirada da palavra “coisa” os vocábulos também foram suprimidos.

2.3. Recorrer ao outro: uma “memória externa”

A todo instante, durante nossa discussão, pudemos perceber a interligação necessária entre o uso da linguagem e estruturas cognitivas. Vale repetir que a comunicação mobiliza arcabouços puramente linguísticos, sociais e sensoriais. Dessa maneira, lançando uma visão atenta sobre o que vimos até o momento, podemos afirmar que a comunicação é também um ato psicológico.

De forma resumida, podemos dizer, cognitivamente, que as informações adquiridas pela comunicação são conhecimentos armazenados na memória do locutor, transformados em estruturas verbais ou não-verbais que são apreendidas pelo alocutário, transformando-se novamente em conhecimento que, por fim, é armazenado na memória¹⁶. Como vimos anteriormente, se por um motivo qualquer a memória do locutor, falante do português brasileiro, falha e algum dos vocábulos é esquecido, ele mobiliza termos na própria língua para substituí-lo de modo a dar continuidade na comunicação. A exemplo disso, podemos citar o uso de sinônimos, de novos enunciados e de “Palavras Coringa”.

Diferentemente das demais estruturas, com o uso das “Palavras Coringa” podemos perceber que a informação transmitida na comunicação não se comporta de maneira completa. Há a necessidade, nesse caso, de maior atividade cognitiva tanto do locutor – que mobilizaria estruturas extra ou intratextuais para fazer com que o sentido não se perca – quanto do alocutário – que mobilizaria estruturas cognitivas para tentar dar sentido àquilo que está apreendendo. Dessa forma, podemos afirmar que o locutor, minimamente consciente do conhecimento do seu interlocutor, se apoia na memória dele para que sua informação seja completada e, por fim, compreendida. A memória do alocutário, portanto, funcionaria como uma espécie de memória externa do locutor.

Daniel Wegner, Toni Giuliano e Paula Hertel, em *Interdependência Cognitiva em Relacionamentos Próximos**, apontam para a existência de um tipo de conhecimento que é organizado na díade e colocado à disposição para ser usado pelos seus componentes (WEGNER, 1985, p. 256). Vista como uma combinação de mentes individuais e a comunicação

¹⁶ Em uma interpretação psicológica do circuito de fala proposto por Sassure (2012, p.43), mencionado, anteriormente, na introdução do nosso trabalho.

* Originalmente publicado em inglês como “Cognitive Interdependence in Close Relationships”, faremos a tradução dos trechos citados durante a discussão, para que haja melhor entendimento, e apontaremos em notas de rodapé as versões originais para análise comparativa. No decorrer do texto, as traduções aparecerão em itálico.

entre elas¹⁷, a chamada memória transativa mobiliza a capacidade mútua entre as pessoas de armazenar conhecimento.

Para entendermos como memória transativa funciona, precisamos ter em mente que a informação pode ser classificada em três tipos: primeira-ordem, segunda-ordem e de localização. Em linhas gerais, a informação de primeira-ordem diz respeito *ao tópico, tema ou essência de algum grupo de itens de informações de segunda-ordem*, isto é, é o caráter mais geral de uma informação com maior especificidade. Já a informação de localização é aquela que *indica onde podemos encontrar informações de primeira ou segunda-ordem*¹⁸ - estas últimas, por sua vez, estando estritamente ligadas às experiências que temos ao vivermos dada situação.

Wegner e seus companheiros introduzem um exemplo que nos ajuda a clarear essas definições e entender um pouco melhor como funciona a memória transativa. *Suponhamos que estamos passando uma noite com Rudy e Lulu, que são casados há alguns anos. Lulu está em outro cômodo no momento e questionamos a Rudy onde eles compraram o maravilhoso ganso canadense de pelúcia sobre a manta. Ele diz, “Nós estávamos na Colúmbia Britânica...,” e depois completa, “Lulu! Qual foi o nome daquele lugar onde compramos o ganso?” Lulu vem do outro quarto para dizer que o lugar foi próximo de Kelowna ou Penticton – algum lugar próximo ao Lago Okanogan. Rudy diz, “Sim, naquela área com todas as barracas de frutas.” Lulu enfim faz a identificação: Peachland.*¹⁹

Baseados no exemplo acima, podemos apontar como informação de primeira-ordem a viagem para a Colúmbia Britânica e a compra do ganso de pelúcia. As experiências individuais que tanto Lulu quanto Rudy tiveram no decorrer da viagem geram informações de segunda-ordem. Segundo Wegner, pelo fato de compartilharem a memória da viagem e estarem em uma relação de proximidade, o cérebro do casal tende a otimizar o armazenamento de informações. Dessa forma, o cérebro se dá o direito de esquecer certos detalhes, mas retém informações a

¹⁷ Original: “(...) a combination of individual minds and the communication among them.” (WEGNER, 1985, p.256)

¹⁸ Original: “One can think of higher-order information as the topic, theme, or gist of some set of items of lower-order information. (...) Location information, in turn, is information as to Where any piece of higher-order or lower-order information may be found.” (WEGNER, 1985, p. 264)

¹⁹ Original: “Suppose we are spending an evening with Rudy and Lulu, a couple married for several years. Lulu is in another room for the moment, and we happen to ask Rudy where they got the wonderful stuffed Canadian goose on the mantle. He says, “We were in British Columbia...,” and then bellows, “Lulu! What was the name of that place Where we got the goose?” Lulu returns to the room to say that it was near Kelowna or Penticton—somewhere along Lake Okanogan. Rudy says, “Yes, in that area with all the fruit stands. Lulu finally makes the identification: Peachland.” (WEGNER, 1985, pp. 256-257)

respeito da localização da sua “cópia”, uma vez que as pessoas sabem que tais detalhes podem ser facilmente acessados na mente do parceiro, como uma espécie de *back-up*. Em outras palavras, Rudy não lembrava exatamente onde haviam comprado o bicho de pelúcia, mas tinha informações suficientes para recorrer a Lulu, que, pelos “gatilhos” provocados pelo marido se dispôs da informação que faltava.

Para que essa dinâmica seja possível, a comunicação é um fator crucial. *Não importa quão complexa seja, essa interação é sempre capaz de ser analisada nos termos de eventos comunicativos.*²⁰ Isso nos remete às análises que temos desempenhado até o momento. Como vimos, o uso da “Palavra Coringa” ocorre entre a díade, quando um dos interlocutores, no esquecimento de um vocábulo, mobiliza estruturas extra e intralinguísticas para fazer o alocutário compreender e promover a referência com tal palavra substituída, preenchendo com sentido, tal qual vimos no exemplo acima. Logo, o uso da memória transativa se mostra importante nas conversas que empregam “Palavras Coringa”.

Analisemos mais um diálogo. Agora, imaginemos que seja uma conversa telefônica entre um casal:

Falante A: Alô?

Falante B: Oi, amor. Me faz um favor? Tira a costela do freezer.

Falante A: Tá bem...

Falante B: Ah! E se descongelar antes de eu chegar, tempera ela pra mim. O... coisa tá dentro da gaveta da geladeira, perto da cebola.

Falante A: O alho? Eu sei, pode deixar! Quer que eu faça arroz também?

Falante B: Não, deixa que eu faço. Um beijo.

Falante A: Tá, beijo.

A conversa acima ilustra de maneira clara a ação da memória transativa. O fato de o Falante B ter usado a palavra “coisa” remete à sua percepção, de maneira mais ou menos consciente, de que seu interlocutor possui informações suficientes para preencher essa “lacuna informacional” e, assim, dar continuidade ao ato comunicativo sem grandes prejuízos. Em outras palavras, a memória transativa desenvolvida pelos falantes A e B foi utilizada, com

²⁰ Original: “No matter how complex, this interplay is always capable of being analyzed in terms of communicative events.” (WEGNER, 1985, p.256)

sucesso nesse caso, uma vez que o Falante B entendeu a referência feita no uso de “coisa” e deu sequência à conversação.

Um ponto importante de mencionarmos é que, apesar de termos observado exemplos com interlocutores em relações bem próximas, o uso da memória transativa pode ser elevado a outros níveis relacionais. *Podemos visualizar esses processos ocorrendo também em pares de pessoas que acabaram de se conhecer ou até grupos de pessoas maiores que a díade. No extremo, pode-se atribuir esses processos a sociedades inteiras e fazer a memória transativa sinônimo de Cultura.*²¹ Isto, somado à observação do aumento no uso de “Palavras Coringa”, nos faz questionar o que estaria influenciando o surgimento de diálogos com estruturas assim.

Como apontamos na introdução, o uso da Internet vem influenciando grandemente na maneira como nos comunicamos desde sua popularização. A tendência de encurtar enunciados, substituí-los pela linguagem não-verbal, o largo uso de imagens e frases descontextualizadas para expressar determinada ideia nos chama a atenção pelo seu caráter referencial. A maneira como isso se dá dialoga com a memória transativa. Vejamos.

3. Internet e seu impacto na memória

De acordo com um artigo* publicado na *World Psychiatry*, tido como o jornal oficial da Associação Psiquiátrica Mundial, *o amplo uso da Internet ao redor do mundo introduziu, para muitos, a necessidade e oportunidade de aprender uma miríade de novas habilidades e maneiras de interagir com a sociedade, que poderiam trazer mudanças neurais.*²² Não raro nos deparamos com formas de nos comunicar cada vez mais criativas e diferentes daquelas que gerações mais antigas poderiam usar. Em paralelo, a maneira de armazenagem de informações também se adaptou. A quantidade de dados disponíveis para serem acessados pelas pessoas é abundante e está a apenas um clique de distância.

Justamente pelo fato de sermos capazes de acessar informações factuais a qualquer instante, seja pelo computador ou pelos *smartphones*, que certos sistemas de memória humana

²¹ Original: “We can envision these things occurring as well in pairs of people who have just met, or even on groups of people larger than de dyads. (...) At the extreme, one can attribute these processes to whole societies, and so make transactive memory into synonym for culture.” (WEGNER, 1985, p.257)

* Como sendo um artigo escrito em inglês, seguiremos a dinâmica feita com o artigo anterior.

²² Original: “The widespread use of the Internet across the globe has introduced, for many, the necessity and opportunity to learn a myriad of new skill and ways to interact with society, which could bring about neural changes. (FIRTH, 2019, p.119)

começaram a ser afetados. Segundo o artigo, *a habilidade de acessar informações online fez com que as pessoas se tornassem mais predispostas a lembrarem onde os fatos poderiam ser recuperados do que dos fatos em si.*²³ Ou seja, o grande fluxo de dados passíveis de serem recolhidos fizeram com que a Internet começasse a funcionar como uma espécie de “memória externa” dos indivíduos e fazer com que essas pessoas tivessem a retenção de informações de localidade estimulada constantemente.

Vimos até o momento que o uso de “Palavras Coringa” é uma tática de que podemos dispor para darmos continuidade na comunicação, de maneira mais ou menos prejudicial, utilizando vocábulos que fazem referência a termos presentes no enunciado e/ou no mundo sensorial. Discutimos também sua ligação com a memória transativa criada pelos interlocutores que, por meio de estratégias discursivas, promove acesso dos falantes a informações que não puderam emergir no diálogo em dado momento. E, sendo a Internet uma *entidade responsável por armazenar e recuperar virtualmente todas as informações factuais sem fazer com que os indivíduos precisem lembrar exatamente qual informação foi armazenada externamente,*²⁴ a sua expansão figura uma das possibilidades de ocorrência de “Palavras Coringa”.

Isso se torna algo possível porque, à medida que nos tornamos cada vez mais dependentes da Internet, nosso cérebro tende a se “otimizar” ainda mais quanto ao armazenamento de dados. Priorizando informações de localização em detrimento das mais detalhadas, devido ao super estímulo da memória transativa, desenvolvemos, de maneira mais ou menos inconsciente, a pressuposição que nosso interlocutor carrega as informações que nos faltam. Caberia ao locutor, assim, durante a conversação, mobilizar estratégias discursivas que sirvam de “gatilho” para que o seu alocutário seja capaz de entender a referência proposta pela “Palavra Coringa” empregada.

Em teoria, podemos afirmar que o encadeamento de acontecimentos aponta para essa “nova maneira” de memorização e, conseqüentemente, de comunicação. Vamos analisar, então, a seguir, como os próprios falantes concebem o jeito como fazem uso desses vocábulos.

²³ Original: “(...) the ability to access information online caused people to become more likely to remember where these facts could be retrieved rather than the facts themselves. (FIRTH, 2019, p. 122)

²⁴ Original: “(...) the Internet acts as a single entity that is responsible for holding and retrieving virtually all factual information, and thus does not require individuals to remember what exact information is externally stored (...)” (FIRTH, 2019, p.122)

4. A coisa na prática

4.1. Metodologia de pesquisa

Observemos como as “Palavras Coringa”, mais especificamente a palavra *coisa*, acontece na prática. Disponibilizamos um formulário criado no *Google Forms* em diversos aplicativos de conversa e redes sociais. Pedimos para que cada pessoa respondesse individualmente e não disponibilizamos espaço para identificação dos participantes, posto que é indiferente para a análise final. Nosso principal foco foi notar como essas palavras são percebidas pelos falantes da língua portuguesa. Para isso, verificamos de que maneira ocorre a variação na compreensão desses termos por comunidades de falas diferentes – tanto como uma reflexão da comunicação, quanto uma análise do uso em si – e cruzamos tais dados com a assiduidade dos informantes na Internet.

Além de reduzir nosso raio de pesquisa, a cidade do Rio de Janeiro foi escolhida como epicentro de análise, visto que acreditamos que as metrópoles, com a complexidade das relações sociais que dispõem, são espaços latentes de ocorrências de variações na língua. Outro fator que pesou para tal escolha foi a percepção prévia da existência do uso dos vocabulários observados em diversas comunidades de fala pela cidade.

Devemos reforçar, mais uma vez, o caráter panorâmico do nosso exame. Objetivamos não esgotar as análises a respeito das “Palavras Coringa”, mas estabelecer bases para pesquisas futuras. Logo, a principal característica do formulário disponibilizado é seu aspecto autorreflexivo quanto ao uso dos vocábulos.

De maneira geral, nosso formulário pode ser dividido em duas partes. Na primeira parte, buscamos reconhecer nossos informantes e suas percepções a respeito da comunicação que praticam. Na segunda parte, submetemos os informantes a uma espécie de laboratório de análise conversacional a fim de testar suas habilidades de compreensão das “Palavras Coringa” em contextos diversos, fazendo-os figurar pontos diferentes no ato comunicativo.

Na primeira página (Anexo I), eles responderam tópicos gerais de identificação. Tais questionamentos serviram para alocarmos cada informante nas comunidades de fala a que pertencem. Além disso, esse momento serviu como o primeiro corte. Como buscamos analisar o impacto do fenômeno entre habitantes da cidade do Rio de Janeiro, aqueles que não faziam parte não puderam prosseguir nas respostas às perguntas seguintes.

Na segunda página (Anexo II), pudemos levar os informantes a fazerem uma autoanálise da forma como agem em uma conversa. Questionando-os sobre a frequência e o tempo que conversam pela Internet, levantamos novos dados para analisar os grupos e estabelecemos uma base para fazermos um cruzamento com os dados posteriores. Ainda na mesma página, buscamos saber deles a frequência e o contexto²⁵ em que fazem uso das “Palavras Coringa”. Além de ser uma parte importante para a análise, esse momento figurou como o segundo e último ponto de corte do formulário. Falantes que nunca fizeram uso desses vocábulos não puderam prosseguir com as questões. Porém, não pudemos descartar as informações que nos foram deixadas.

A terceira página dá início à parte dois do questionário. Desse momento em diante, os informantes foram apresentados a tirinhas retratando conversas que utilizam as “Palavras Coringa”. As tirinhas foram um artifício importante a ser utilizado, pois, como discutido anteriormente, o contexto, enquanto ambiente físico e enunciativo, é um fator que provoca impacto no uso de tais termos e pode gerar dados relevantes para a análise.

Como uma espécie de “laboratório de conversas”, colocamos nossos informantes em três papéis diferentes no ato comunicativo: terceira pessoa observadora de uma conversa já iniciada, terceira pessoa observadora de uma conversa completa e segunda pessoa de uma conversa completa. Dessa maneira, fomos capazes de checar se a compreensão da “Palavra Coringa” utilizada estaria relacionada tanto ao papel desempenhado pelo falante, quanto ao nível informacional observado por ele, além de notar o impacto do distanciamento cognitivo que os informantes possuem em relação aos interlocutores.

Logo, na página de número três, submetemos os informantes ao papel de observadores de uma conversa já iniciada. Após analisarem a tirinha (Anexo III – Situação Conversacional I), questionamo-los a respeito da compreensão da palavra “coisa”, utilizada no terceiro quadro, através da resposta dada por meio de opções (Anexo III – Questões). Em seguida, demos a oportunidade de explicarem como chegaram a tal conclusão e abrimos espaço para observações extras. Ao apresentar-lhes alternativas relacionadas a itens presentes e ausentes no ambiente, limitamos suas possibilidades de respostas e testamos a influência do conhecimento prévio de cada um no entendimento do enunciado.

²⁵ Tendo em mente que um falante está inserido em múltiplas relações sociais e que, dessa forma, envolve-se com variados contextos, devemos mencionar que disponibilizamos a possibilidade de os informantes selecionarem múltiplas alternativas.

Na quarta página do formulário, colocamos os informantes no papel de observadores de uma conversa completa. Depois de analisarem a tirinha (Anexo IV – Situação Conversacional II), eles foram questionados, mais uma vez, sobre a compreensão da palavra “coisa” no enunciado. Desta vez, porém, nenhuma opção estava disponível e, logo após, oferecemos a eles a oportunidade de fazerem qualquer observação que achassem relevante (Anexo IV – Questões). Como um contraste com o exercício anterior, pudemos analisar se uma conversa por si só – somada ao ambiente e à situação em que ocorre – seria suficiente para a compreensão do termo.

Por último, na quinta página do formulário, tentamos inserir os informantes no papel de segunda pessoa da conversação. Para que isso fosse possível, criamos um fluxo interativo entre os quadros da tirinha (Anexo V – Fluxograma). De acordo com cada resposta que os informantes dessem, eles seriam encaminhados para uma possibilidade diferente da conversa (Anexo V – Situação Conversacional III). Assim, visamos criar a sensação de autonomia existente em um diálogo.

Em dois momentos da conversa, inserimos a palavra “coisa”. No primeiro momento, o termo foi colocado de forma a mobilizar conhecimentos prévios dos informantes – apoiando-se no contexto. No outro momento, o termo foi colocado de forma a mobilizar conhecimento geral da conversa e do ambiente em que ocorre.

Após esses dois momentos, questionamos os informantes a respeito do entendimento da “Palavra Coringa” em questão. Desta forma, pudemos observar de maneira comparativa as ações desempenhadas nos exercícios anteriores, mas, agora, atribuindo um papel diferente ao falante.

4.2. Análise dos dados

O formulário recebeu respostas durante todo o mês de dezembro de 2022. Ele foi respondido por um total de setenta e nove pessoas, dentre as quais 52% habitam a Zona Oeste, 43% a Zona Norte, 1% tanto a Zona Sul quanto o Centro da cidade do Rio. Duas pessoas, no entanto, não puderam prosseguir com as perguntas, visto que moravam em outras localidades.

Ao nos debruçarmos sobre as características dos informantes, podemos observar que 68% se identificavam como mulheres cis, 24% como homens cis, 5% como não-binários e 3%

preferiram não comentar o gênero. Quanto a escolaridade e profissões, notamos que 48% possuíam ensino superior completo, 30% ensino superior incompleto, 15% ensino médio completo, 3% ensino médio incompleto e 4% faziam algum tipo de pós-graduação. As profissões, por sua vez, foram as mais variadas, podendo ser observadas no Anexo VI.

A análise da faixa etária dos informantes foi dividida em dois eixos. De acordo com a década em que nasceram, das setenta e sete pessoas que preencheram o formulário 10% são da década de 1960, bem como 10% da década de 1970. Dezesete por cento nasceram nos anos de 1980, 43% na década de 1990 e 20% a partir dos anos 2000. Com base nisso, podemos perceber que 5% são jovens entre 10 e 19 anos, 48% estão entre os 20 e 29 anos de idade, 20% entre 30 e 39, 10% na faixa dos 40 anos, 14% na faixa dos 50 e 3% têm entre 60 e 69 anos.

Reverendo os números relacionados ao uso das “Palavras Coringa” podemos perceber pontos interessantes de serem considerados. Observemos o gráfico abaixo:

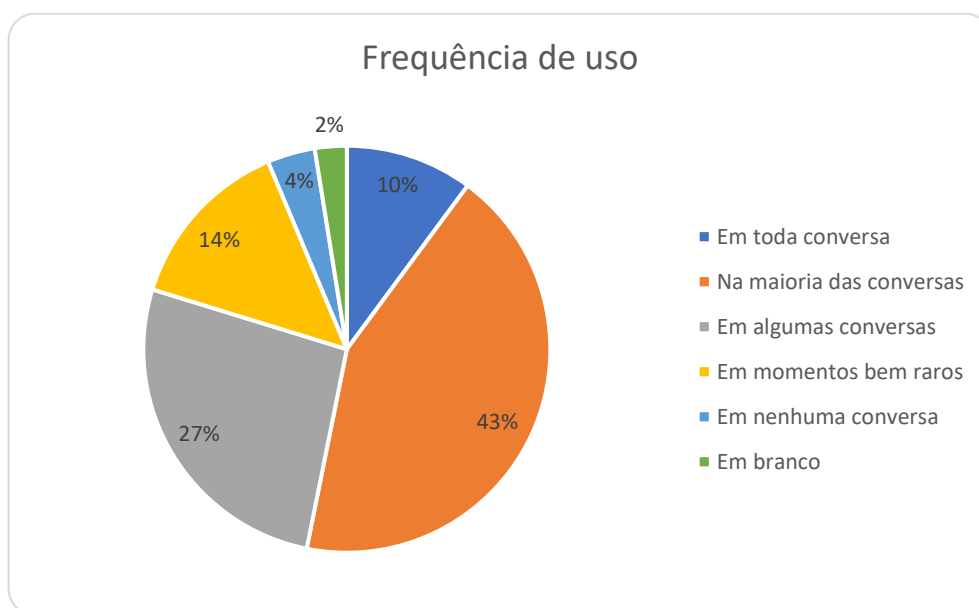


Figura 1 – Frequência de uso

Setenta por cento dos informantes apontaram que fazem uso dessas palavras com certa frequência. Tal número figura 63 das 79 pessoas que preencheram o formulário, sendo, ainda, importante ressaltar que 43% delas informaram que as usam na maioria das conversas de que participam. Cruzando esses números com as idades dos participantes, notamos que 36 deles estão entre 16 e 29 anos – cerca de 93% das pessoas nessa faixa etária – ao passo que 11 das 39 pessoas na faixa dos 33 aos 62 anos indicaram que usam as “Palavras Coringa” em momentos

bem raros. Isso mostra que uso desse tipo de vocábulo está em crescimento entre os falantes e, como mencionado anteriormente, é uma realidade latente no cenário linguístico.

Ainda observando a figura 1, agora cruzando seus dados com a localidade dos informantes, percebemos que 75% dos habitantes da Zona Oeste fazem algum uso das “Palavras Coringa” contra cerca de 80% dos moradores da Zona Norte. É possível dizer que há bastante uso do vocábulo nos espaços conhecidos como “periferia” da cidade, no entanto, nos faltaram dados para afirmar ao certo se tal fato é algo endêmico dessas regiões.

Por fim, colidindo os elementos da figura 1 com a escolaridade, vimos que 82% das pessoas que estão cursando ou já finalizaram o Ensino Superior utilizam as “Palavras Coringa” em algum nível. É interessante dizer que das 53 respostas que representam a porcentagem acima, 34 revelaram que ou as usam em toda conversa de que participam ou na maioria delas. Em paralelo, oito dos quatorze informantes que estão ou concluíram o Ensino Médio indicaram tal uso. Logo, tendo em mente que a norma culta diz respeito ao padrão da língua utilizada pela camada mais escolarizada da população, é possível afirmar que as “Palavras Coringa” estão bastante presentes no meio considerado culto da comunicação²⁶.

Avançando um pouco na análise, podemos perceber que os números revelados pelo contexto de uso das “Palavras Coringa” apontam para uma maior coloquialidade²⁷. Vejamos na figura 2 a seguir:

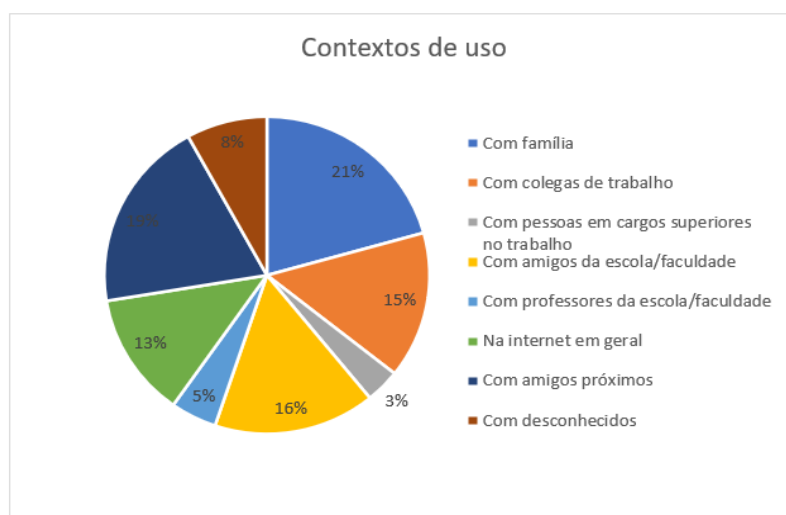


Figura 2 – Contextos de uso

²⁶ A estigmatização desses termos, porém, ficará como ponto a ser desenvolvido em análises futuras.

²⁷ Entendemos por contextos coloquiais conversas com família, amigos próximos, amigos da escola/faculdade e na Internet em geral.

Façamos uma análise dos informantes que as usam com maior frequência. Daqueles que disseram utilizar esses termos na maioria das conversas que participam, é possível perceber que tal uso se dá, em grande parte, com amigos e familiares. Apenas três pessoas afirmaram utilizá-las em contextos mais formais. Em paralelo, a maior parte dos participantes que fazem uso desses termos em contextos bem específicos mencionaram que ocorre entre amigos próximos e familiares. Dentre eles, cinco indicaram apenas uso ou com a família ou os amigos próximos. De modo geral, das 87 respostas geradas, apenas 9 delas apontam uso com professores de escola/faculdade, 6 com pessoas em cargos hierarquicamente superiores no trabalho e 16 com desconhecidos, ou seja, em cerca de 36% delas indicaram uso em contextos mais formais.

Voltando a ótica para a relação social estabelecida entre os interlocutores, percebemos traços que remetem à relação entre “Palavras Coringa” e memória transativa. Conforme vimos nas seções anteriores, a proximidade entre os indivíduos é responsável pela criação de uma espécie de memória externa de um em outro. Tal situação ocorre, mais frequentemente, quando essas pessoas dividem uma relação de proximidade.

As respostas do formulário apontam justamente para esses tipos de relações. É possível ver uma progressão nos números que remetem a relações sociais entre interlocutores: 15% afirmaram utilizar as “Palavras Coringa” com colegas de trabalho, 16% com amigos da escola/faculdade, 19% com amigos próximos e 21% com a família. Ou seja, quanto maior a proximidade entre os interlocutores, maior a possibilidade de utilizarem as “Palavras Coringa”²⁸. Quando analisamos aqueles que fazem pouco uso desses vocábulos, a interligação fica mais evidente.

Trinta e duas pessoas disseram utilizar tais termos em conversas bem específicas ou raramente. Dentre elas, aproximadamente 75%, mencionaram a família e os amigos próximos como contextos de maior utilização das “Palavras Coringa”, das quais cerca de 41% frisaram o uso apenas em contexto familiar.

O uso dessas palavras é um fator perceptivelmente proeminente entre nossos informantes. Resta agora sabermos se há interligação entre isso e o uso da Internet. Vejamos:

²⁸ É interessante ressaltarmos a possibilidade do caráter estigmatizado que o uso desses termos pode assumir quando usado em contextos considerados mais formais. No entanto, por não estarmos mobilizando aspectos relacionados à perspectiva sociolinguística, deixaremos o aprofundamento dessa análise para outro momento.

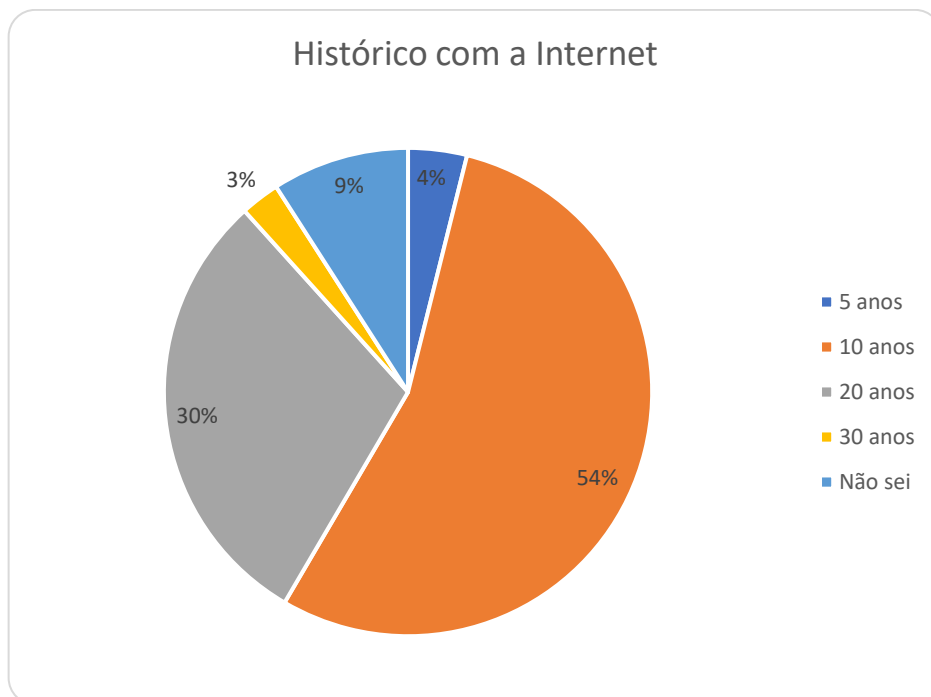


Figura 3 – Histórico com a Internet

Tendo em mente que a Internet alcançou seu auge no Brasil há cerca de 30 anos, notamos que 33% dos respondentes fazem seu uso há 20 anos ou mais enquanto 59% fazem uso há pelo menos cinco ou dez anos, isto é, a minoria dos informantes está na Internet desde que se tornou famosa no país. No entanto, é importante reconhecermos que das 45 pessoas que responderam que usam a Internet há cinco ou dez anos, 60% têm idades entre 16 e 29, ou seja, passaram toda a adolescência conectados.

Em se tratando da frequência nas redes, os números apontam uma grande recorrência de indivíduos conectados. Aproximadamente 86% dos informantes utilizam a Internet para conversar ou a todo tempo, ou na maior parte dele, relegando os outros 14% àqueles que preferem conversar pessoalmente ou utilizar a Internet apenas quando acham necessário.

Relacionando esses números à frequência que os informantes usam as “Palavras Coringa”, obtemos dados interessantes. Sessenta e seis pessoas responderam que conversam pela Internet a todo momento ou na maior parte do dia, dentre elas 58% disseram usar as “Palavras Coringa” em todas ou na maioria das conversas que participam e 42% acusaram baixa frequência no uso delas. Em paralelo a isso, quando observamos as onze respostas que disseram conversar pela Internet quando necessário ou raramente, o índice de baixa frequência no uso dos vocábulos sobe para 63%.

Fazendo um caminho inverso, focando nos 32 informantes que dizem usar as “Palavras Coringa” raramente ou em conversas bem específicas, vemos que 78% conversam pela Internet a todo momento ou na maior parte do dia. Porém, dos 25 representantes dessa porcentagem podemos ressaltar que 52% fazem uso da Internet há 10 anos ou menos. E, em última análise, podemos notar que entre os 36 jovens de 16 a 29 anos que usam a Internet há mais de 10 anos, 50% afirmaram usar as “Palavras Coringa” em todas ou na maioria das conversas de que participam.

Os dados mostrados, nos dois parágrafos anteriores, apontam que a frequência no uso dos vocábulos em questão caminha lado a lado com o aumento dos índices dos frequentadores das redes. Um fator importante de ressaltarmos é que, tendo em mente que o amadurecimento cognitivo tem seu início por volta dos 12 anos de idade e se conclui acerca dos 30, entre aqueles que estão mais frequentemente conectados por toda a adolescência, os índices mostram uso elevado das “Palavras Coringa”.

Caminhando para a segunda parte do formulário, alguns dados relacionados ao caráter enunciativo dos vocábulos revelam informações frutíferas. Analisando as respostas obtidas na Situação Conversacional I (Anexo III), ao situarmos nossos informantes como observadores de uma conversa sobre uma briga motivada por *um coisa* retirado das mãos de alguém, contabilizamos que 7% das respostas válidas entenderam “coisa” como sendo copo, cerca de 45% como celular e aproximadamente 48% disseram não ter entendido. Podemos dizer, então, que, com maior ou menor grau de certeza entre os falantes, mais de 50% das respostas obtidas conseguiram interpretar o uso da “Palavra Coringa” nessa situação.

O primeiro ponto que nos salta os olhos foi o fato de nenhuma das alternativas com palavras no feminino ter sido escolhida. Apesar de ser considerado um substantivo feminino, o fato de “coisa” ter recebido o artigo definido “o” no diálogo encaminhou a interpretação dos informantes para longe das palavras “esponja” e “planta”, como apontam algumas das justificativas dadas:

Informante 02: *Pelo grau de importância que a personagem deu, imagino se tratar de algo pessoal para justificar uma briga, tem também o fato de ser no masculino, O COISA.*

Informante 08: *Talvez, se supostamente estiver correto, pelo artigo empregado. Já ouvi dizerem a palavra coisa, talvez por esse motivo possa ter sido levada a escolher celular pelo celular, pela terminação da palavra.*

Informante 34: *Primeiramente pelo artigo definido masculino "o". O celular é a minha escolha por ser algo de uso muito pessoal. A palavra "copo" também poderia ser, mas talvez causasse uma situação menos constrangedora ao ser retirado da mão de alguém, talvez por causa do valor agregado...*

Dessa maneira, apesar da natureza feminina da palavra, a aceitação por 52% dos falantes demonstra a capacidade adaptativa da palavra quanto à flexão de gênero promovida pelo determinante que a precede sem prejuízo no entendimento. Além disso, apesar de não muito recorrente nas respostas obtidas, tomamos conhecimento da possibilidade de flexão desinencial, conforme apontado na observação do informante 08.

Dentro da dinâmica da conversa, os informantes não tinham como saber ao certo se o termo substituído por “coisa” já havia sido mencionado anteriormente. Com isso, as interpretações seguiram quatro caminhos diferentes. Por um lado, os que entenderam como “copo” se apoiaram no contexto visual, ou seja, pelo fato das interlocutoras estarem segurando copos, foi entendido que “o coisa” seria tal objeto, como nos dizem os informantes 14 e 38:

Informante 14: *Eu acho que, pelo fato do copo na mão de uma das mulheres me chamar a atenção nos 3 quadros enquanto eu lia, imaginei logo que poderia ser esse objeto. Porém, quando reli, enxerguei o objeto na mão da mulher da esquerda e me pareceu ser um celular. Aí fiquei na dúvida porque pensei que o objeto em discussão poderia ser o celular em vez do copo. Mas permaneci "fiel" à minha primeira opção (...)*

Informante 38: *Pelo copo na mão delas.*

Por outro lado, aqueles que interpretaram o vocábulo como “celular” mobilizaram seus conhecimentos prévios sobre as relações sociais. O caráter referencial que a “Palavra Coringa” desempenhou para esses informantes retomou, nesse caso, não um termo que tiveram contato anteriormente na conversa que observavam, mas situações que presenciaram em outros momentos. Esses pontos podem ser vistos nas observações a seguir:

Informante 39: *Cheguei a essa conclusão que poderia ser o celular, embora "o coiso" não tenha sido referência durante a conversa, mas suponho pelo grau de importância dos celulares na vida das pessoas hoje em dia.*

Informante 46: *Contextualizando com a minha bagagem de mundo, as outras opções parecem muito distantes.*

Informante 75: *Para a personagem ficar irritada com "Juca", possivelmente foi algum item usual e de importância personalíssima. Pelo contexto, um celular seria a resposta mais possível.*

Como último caminho, os informantes que indicaram não ser possível interpretar “o coiso” apontaram duas justificativas interessantes de observarmos. Quatorze pessoas ressaltaram o impacto negativo provocado pela falta de contexto prévio explícito na conversa em si, como podemos ver em:

Informante 12: *Nenhum dos outros itens chega a ser mencionado e não há referências nas falas aos demais objetos.*

Informante 29: *A "coisa" em questão não foi previamente citada na conversa.*

Informante 73: *Não há citação nos quadros sobre o que está relacionada a palavra "coisa".*

A outra justificativa, que retoma algo que discutimos aqui anteriormente, diz respeito ao papel dos interlocutores no discurso quando há uso da “Palavra Coringa”. Vejamos as três justificativas a seguir:

Informante 03: *Pode ser qualquer uma das opções. As duas pessoas sabem o que aconteceu na situação da briga, sendo assim substituir a palavra original por " coisa " faz sentido, porém como eu não estou inserido no contexto qualquer uma das opções citadas acima faria sentido.*

Informante 22: *Quando a gente substitui uma palavra por coisa, negócio, por exemplo, a conversa é mais desenvolvida ou com contexto para saber exatamente do que estamos falando. Realmente, uma pessoa de fora da conversa não consegue saber do que estamos falando.*

Informante 49: *Elas estão envolvidas no assunto, logo, o termo “coisa” entra no contexto e fica completamente substituível para/com o objeto. Porém, quem apenas observa, não consegue entender/decifrar a que objeto elas se referem.*

O não entendimento de “o coisa” para esses falantes se deu devido ao afastamento que tinham em relação à conversa. Segundo eles, o fato de estarem de fora do diálogo os privaram do contexto e, dessa maneira, de fazerem a referência com o objeto substituído. Além disso, a forma como os informantes 03 e 49 apontam para o conhecimento compartilhado das interlocutoras observadas é capaz de nos acender um alerta para uma possível relação baseada na memória transativa.

Vejam, agora, os resultados obtidos pela Situação Conversacional II (Anexo IV). Nela, os informantes continuam como observadores de um diálogo, mas agora estando presentes desde seu início. O primeiro fato interessante a ser apontado é que, ao tornarmos as opções de respostas ilimitadas, nenhum dos informantes disse não ter conseguido entender a que termo a “Palavra Coringa” estava se referindo. Apesar de variadas, as respostas puderam ser contabilizadas e relacionadas no gráfico a seguir:

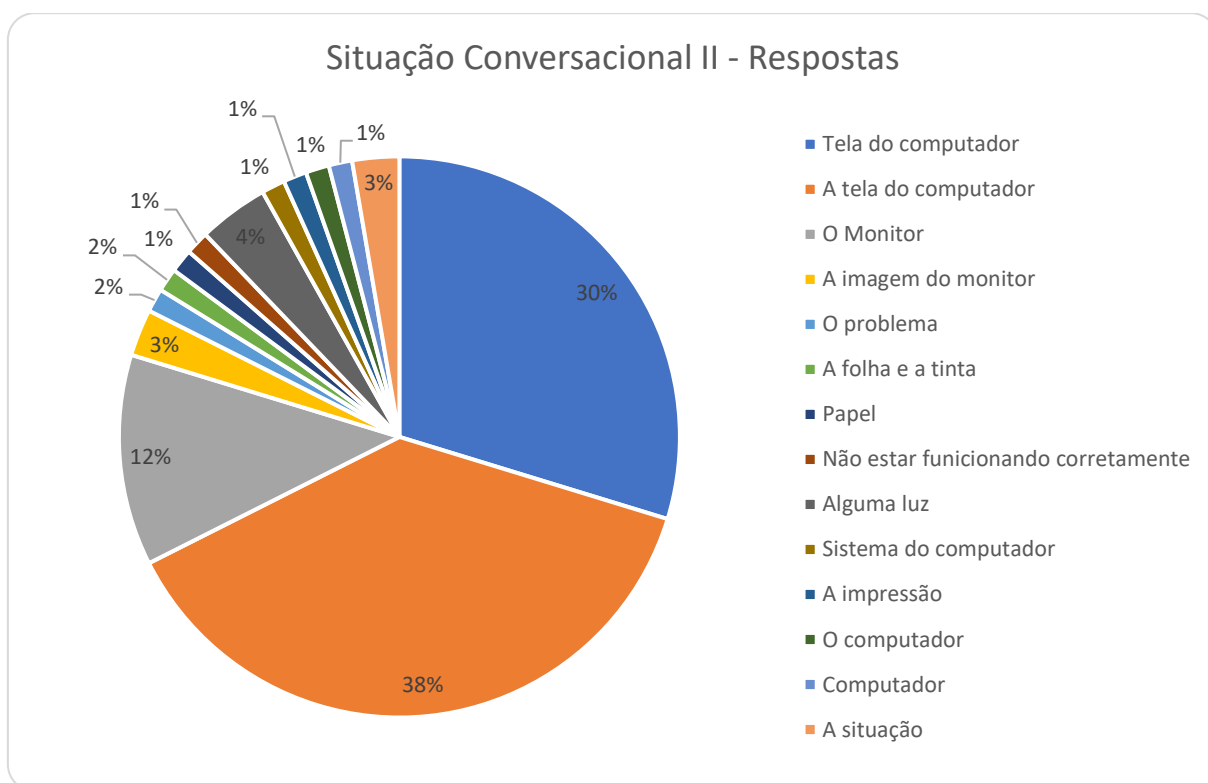


Figura 4 – Situação Conversacional II (Respostas)

Outro fator que pode ter levado à maior predisposição para capturar o sentido da “Palavra Coringa” está relacionado à completude do diálogo. Na situação em questão, colocamos nossos informantes como observadores de um diálogo no trabalho, em que um dos interlocutores reclama da *coisa* amarelada após ligar o computador. Uma vez que tinham conhecimento da conversa desde seu início, podemos afirmar que os informantes em momento algum teriam contato com a palavra substituída, diferentemente do que poderia ocorrer na Situação Conversacional I, quando havia incerteza se o termo substituído havia ou não sido mencionado anteriormente.

Outro ponto que podemos notar trata do fato de que apenas 10% das respostas não se referiram ao computador ou a algo relacionado a ele. Tal fato aponta, mais uma vez, para o grande valor que o contexto e o cotexto possuem enquanto recurso utilizado pelo falante na interpretação da “Palavra Coringa”, uma vez que, já no segundo quadro da tirinha, um dos interlocutores faz menção ao aparelho, levando a maioria dos informantes a entenderem que há relação entre ele e o termo substituído.

A flexão de gênero dos vocábulos apontados pelas respostas também se demonstrou algo interessante. Na Situação Conversacional I, vimos que o uso do artigo definido “o” delimitou as respostas a apenas termos masculinos. Na análise de agora, ao ser usada como “a coisa”, as respostas se dividiram. Oitenta e um por cento dos informantes apontou termos no feminino²⁹ – como tela, situação, luz – relegando os demais 19% a vocábulos tipicamente masculinos. São esses 19% que nos trazem uma informação relevante.

Sendo classificada como substantivo comum, a palavra “coisa” assume características de flexão de gênero inerentes a essa classe. Vimos nos relatos dos informantes 08 e 39, anteriormente, a possibilidade de flexionar essa palavra na sua desinência de gênero como “a coisa” e “o coiso”. Porém, de acordo com as respostas obtidas na Situação Conversacional II, percebemos a possibilidade de utilizar o termo “a coisa” como vocábulo que pode ser classificado como substantivo sobrecomum. Logo, notamos que, quando deslocada do seu sentido original, a palavra em questão assume uma instabilidade quanto à flexão de gênero,

²⁹ Uma ação interessante, que acaba se tornando digna de nota, foi o fato de que parte dos informantes decidiram omitir os artigos definidos masculinos e femininos em algumas das respostas – que, por sua vez, se apresentaram de maneiras mais suscintas. Por exemplo, em vez de dizerem “a tela” ou “o computador”, alguns dos falantes optaram por dizer somente “tela” e “computador”. Podemos levantar a hipótese de indecisão quanto ao termo a ser escolhido provocada pela presença do artigo “a” no diálogo nos quadrinhos. Entretanto, uma análise mais aprofundada seria necessária.

podendo ser utilizada por alguns falantes como masculino e feminino, e por outros como especificamente masculino ou feminino.

Novamente, como vimos em outras situações, o caráter referencial da palavra “coisa” foi apontado pelos informantes como algo que estava presente no mundo sensorial, não no enunciado. Entretanto, como também ocorreu na situação anterior, a maioria das justificativas apontaram para a crucialidade da relação entre conhecimento prévio e contexto na apreensão do sentido do termo. A fim de ilustrar, observemos o que os informantes 10, 39 e 49 disseram – é importante ressaltar que os três responderam “a tela” / “o monitor” como sendo a palavra substituída:

***Informante 10:** pelo contexto da conversa. Não faria sentido, por exemplo, o teclado ou mouse ficarem amarelos.*

***Informante 39:** Entendo que seja do computador, pois o homem faz uma referência direta o computador e a primeira " coisa " que visualizamos ao ligarmos o mesmo é a tela.*

***Informante 49:** Ele fala do computador e, logo após, ele fala da situação ocorrida para usar o termo “coisa”: “...quando liga...”. Por isso, interpreta-se que ele se refere à tela.*

Uma última observação que podemos fazer a respeito da Situação Conversacional II diz respeito justamente ao comportamento da “Palavra Coringa”. Para atingir a completude da referência feita, a “Palavra Coringa” mobiliza, dessa forma, abordagens diferentes daquelas que um substantivo comum mobilizaria, se aproximando de características dos pronomes. A gama de respostas diferentes obtidas, mesmo aquelas em relação de sinonímia, aponta para a indefinição do termo quanto ao sentido.

Isso pode ficar mais claro se fizermos um exercício rápido. Sem perder de vista o que já lemos nos quadrinhos anteriores, retomemos a frase analisada pelos informantes e a comparemos com outras duas, tendo em mente a seguinte questão: “Se colocada para análise entre os informantes, qual das frases reduziria drasticamente a variabilidade de respostas?”

Frase original: *Tudo bem. É porque ele tem demorado pra ligar e quando liga, a coisa fica meio amarelada, sabe?*

Adaptação 1: *Tudo bem. É porque ele tem demorado pra ligar e quando liga, o aparelho fica meio amarelado, sabe?*

Adaptação 2: *Tudo bem. É porque ele tem demorado pra ligar e quando liga, algo fica meio amarelado, sabe?*

Mesmo não tendo dados estatísticos que comprovem, arriscamos dizer que a Adaptação 1 seria a melhor resposta para a pergunta. Como vimos anteriormente, pelo fato de facilmente reconhecermos o grupo de que representa, o substantivo utilizado na Adaptação 1, apesar de sua essência mais geral, somado ao contexto dos quadrinhos, teria sua referência mais bem apreendida do que a substituição feita na Adaptação 2 e na frase original.

Até o momento pudemos notar a importância contextual no bom entendimento das “Palavras Coringa”. Já encaminhando para o fim da nossa análise, vejamos, nos resultados obtidos na Situação Conversacional III (Anexo V), como a comunicação se comportou quando o contexto se mostrou prejudicado.

Como segunda pessoa em um diálogo, os informantes foram colocados em uma conversa no restaurante fazendo um pedido com o garçom, porém sem ter acesso aos itens do cardápio. A “Palavra Coringa” foi utilizada em dois momentos. No Momento 1, seguida de frases que remetem a certos alimentos em específico, como carne e massas, isto é, mobilizando o conhecimento prévio dos falantes. No Momento 2, a palavra foi usada sem muita definição, de maneira a fazermos os falantes mobilizarem conhecimentos específicos sobre hábitos alimentares, como as ordens das refeições.

Analisando o Momento 1, podemos perceber que a comunicação foi prejudicada em 59% dos casos. Porém, 8% dos informantes que pediram maior informação ao garçom, o fizeram, apesar de terem conseguido interpretar que “coisa” substituíria o vocábulo “macarrão”, como podemos ver com os informantes a seguir:

Informante 14: *Fiquei pensando "ué... pedi um macarrão e não lembro?" Kkkk*



Informante 43: *Dependendo qual seria o prato do dia daria pra presumir o assunto. Exemplo: macarrão. Fora do contexto fica impossível saber a que ele tá se referindo.*

Informante 58: *Eu preferiria que o garçom falasse macarrão.*

Já no Momento 2, ao excluirmos a opção “Como?!”, e reduzimos a duas alternativas sim/não, também percebemos problemas na comunicação. Das 74 respostas obtidas, 66% negaram a última oferta do garçom e 34% aceitaram. O fato de negarem “a coisa depois do almoço” revela implicitamente falhas de comunicação. Das 19 justificativas recebidas, 8 desconfiaram que poderia se tratar de sobremesa ou quentinha e as outras 11 demonstraram confusão, como vemos a seguir:

***Informante 07:** Respondi sem saber o que estava fazendo*

***Informante 71:** Sem saber o que é melhor optar só pelo café.*

***Informante 74:** Eu perguntaria que coisa seria pra depois do almoço, muito confuso esse garçom kkk*

Outro fator interessante se mostra naqueles que optaram pela afirmação. Das 9 justificativas recebidas, apenas uma demonstrou convicção na resposta ao compreender que a “Palavra Coringa” estava substituindo “sobremesa”. Já as demais seguiram o mesmo padrão de confusão percebido anteriormente:

***Informante 30:** (Sim, por favor.) Mas depois que ele me disser qual a coisa.*

***Informante 36:** Não acho que nenhuma das opções seria minha resposta, pois não compreendi ao quê o personagem se refere com "coisa".*

Antes de encerrarmos nossa análise, torna-se interessante fazermos um último cruzamento. Tomemos os dados referentes à presença na Internet e comparemos com as repostas obtidas daqueles que acusaram compreender os termos referenciados pelas “Palavras Coringa”.

Dos 66 informantes de acusaram conversar na Internet a todo tempo, ou na maior parte do dia, 50% conseguiram fazer a referência proposta pela “Palavra Coringa” na Situação Conversacional I, todos foram capazes de indicar uma possibilidade para o vocábulo na Situação Conversacional II e, em média, 46% indicaram um termo possível de ser colocado no lugar das “Palavras Coringa” na Situação Conversacional III, apesar do prejuízo no contexto.

5. Considerações finais

Já nos encaminhando para o fim do nosso trabalho, precisamos resgatar dois questionamentos que foram colocados no início das nossas discussões. Em um mundo de variadas culturas, valores e dinâmicas sociais, como a linguagem pode figurar um espaço tão importante? E, se precisamos ser claros no que enunciamos de maneira a fazer com que nosso interlocutor compreenda nossas informações sem problemas, como explicar a possibilidade das “Palavras Coringa”?

Como vimos, muito mais do que o simples intercâmbio de informações, uma conversa implica em relações psicológicas entre seus interlocutores e, conseqüentemente, na constante recriação das relações sociais. Nunca houve, em toda a história da espécie humana, outra forma mais eficaz de promover a sua característica gregária do que o uso da linguagem. É justamente nessa habilidade de comunicar as diferenças culturais, éticas, cognitivas, colocando-as em contato umas com as outras, através da linguagem, que habita a importância da comunicação.

Logo, torna-se quase impossível desvencilhar o uso da linguagem das relações sociais. Estamos tão intrinsecamente interligados à comunicação que, parafraseando Benveniste, não temos mais que uma fraca consciência das operações que efetuamos. Além disso, ao passo que complexificamos as relações uns com os outros e, também, com os mecanismos que criamos para tornar a vida mais simples, impactamos diretamente a maneira como nos comunicamos. É nessa complexidade que o uso das “Palavras Coringa” se faz possível.

É inegável a relação desses vocábulos com aspectos importantes na forma como falamos uns com os outros de uns anos para cá. O advento da Internet, muito mais do que apenas facilitar e aproximar as relações entre pessoas ao redor do planeta, vem causando impactos relevantes na maneira como nos comunicamos. O fato de termos acesso a informações na palma das nossas mãos e o crescimento da utilização das redes influencia a forma como fazemos uso da nossa memória e abre caminho para uma prática mais deliberada da inferência. Em outras palavras, estamos passando, de maneira inconsciente ou não, a nos apoiar mais na pressuposição de que o outro detém informações que nos faltam e, dessa forma, poderá resgatar memórias que nosso cérebro se deu ao direito de esquecer ou de vocábulos que não estavam disponíveis para uso no momento da enunciação.

Não podemos negar, também, que ainda temos bastante caminho para trilhar a fim de compreendermos melhor esse fenômeno. A utilização das “Palavras Coringa”, em crescimento

entre os falantes, tanto em contextos considerados cultos quanto nos mais coloquiais, tem se tornado uma realidade no cenário linguístico. Pudemos ver que tais vocábulos, principalmente a *coisa*, carrega uma potência gramatical, enunciativa e até mesmo cognitiva enorme e digna de análises mais aprofundadas. Logo, tendo em vista essas propriedades, e a existência tímida de estudos a seu respeito, torna-se necessário ressaltar campos que, graças aos resultados que obtivemos, ainda podem ser desbravados.

Gramaticalmente, discutimos como *coisa* se coloca na fronteira entre substantivo e pronome. Por um lado, sua característica denominativa e as funções que ocupa dentro do sintagma demonstram seu aspecto de substantivo comum. Por outro, seu uso enquanto “Palavra Coringa” se aproxima dos pronomes – principalmente dos indefinidos e demonstrativos – pelo seu comportamento referencial e, paradoxalmente, não-fórico, como vimos nas respostas obtidas com nossos informantes. A análise de tais aspectos, no entanto, não se esgota por aí. Certas particularidades quanto à desinência de gênero, o modo como se dá a sua relação com os pronomes demonstrativos e indefinidos e a possível verbalização desses termos, ressaltados em alguns momentos durante a análise de dados, se demonstram como áreas que podem ser exploradas um pouco mais.

Numa perspectiva enunciativa, reconhecemos as habilidades discursivas que o falante dispõe ao utilizar as “Palavras Coringa”. O contexto, extra ou intratextual, como vimos, se coloca como algo crucial para a compreensão da palavra que ficou implícita no discurso após ser substituída. Nos “laboratórios conversacionais” propostos, percebemos também a importância do conhecimento prévio dos interlocutores para a manutenção da comunicação. Logo, maiores dados a respeito da dinâmica real de conversa entre usuários dessas palavras podem elucidar mais a maneira como elas se comportam em contextos de diferentes tipos.

Por fim, tendo em mente que a possibilidade de exame da memória transativa se dá com base na comunicação e que o uso das “Palavras Coringa” se dá, muitas vezes, pelo esquecimento de determinados termos somados à urgência de passar a informação, esses vocábulos representam um campo analítico latente para os cognitivistas. A possibilidade dos termos de não apenas serem utilizados como também compreendidos tanto em relações mais próximas, já relatadas por Wegner, quanto nas relações de maior afastamento, ressaltadas em várias respostas dos nossos informantes, podem ajudar a compreender melhor os aspectos da memória transativa e expandir estudos a respeito dela.

6. Referências bibliográficas

BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral** – Volume I. Tradução: Maria da Glória Navak, Maria Luisa Neri. 6ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020. pp.61 – 89.

COISA. In: **Dicionário Priberam da Língua Portuguesa** [online], 2008 – 2023. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/coisa>. Acesso em: 29/01/2023.

COISA. In: **Michaelis, dicionário brasileiro da língua portuguesa** [online]. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/coisa/>. Acesso em: 29/01/2023.

EVERETT, Daniel L. **Linguagem: a história da maior invenção da humanidade**. Tradução: Maurício Resende. São Paulo: Contexto, 2019.

FIRTH, J. et al. The “online brain”: how the Internet may be changing our cognition. **World Psychiatry**. Vol.18. maio/2019. pp.119 – 129. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1002/wps.20617#reference>. Acesso em: 29/01/2023.

LEONARDI, Ana Carolina. Sua memória fica armazenada na mente dos seus melhores amigos. In: **Super Interessante**. São Paulo: 31 out 2016. Disponível em: <https://super.abril.com.br/comportamento/sua-memoria-fica-armazenada-na-mente-dos-seus-melhores-amigos/>. Acesso em: 29/01/2023

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. Tradução: Maria Cecília P. de Souza-e-Silva, Décio Rocha. 6ed. ampl. São Paulo: Cortez, 2013.

NEVES, M. H. de M. A teoria lingüística em Aristóteles. **ALFA: Revista de Linguística**. São Paulo, v. 25, 2001. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3635>. Acesso em: 29 jan. 2023.

_____. **Gramática de Usos do Português**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. Tradução: Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. 28 ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Editora Ática, 1997.

WEGNER, D. M.; TONI, G.; HERTEL, P. T. Cognitive Interdependence in Close Relationships. In: ICKES, W. J. **Compatible and incompatible relationships**. Nova York: Springer-Verlag, 1985. pp.253 – 276.

7. Anexos

7.1. Anexo I

- Texto introdutório da página:
 - Primeiro, precisamos conhecê-la/o melhor e saber se poderemos contar com sua ajuda. Responda às perguntas abaixo.
- Perguntas:
 1. Qual sua idade?
 2. Qual seu gênero?
 - a. Cis Masculino
 - b. Trans Masculino
 - c. Cis Feminino
 - d. Trans Feminino
 - e. Não-binário
 - f. Outro
 3. Qual sua escolaridade?
 - a. Ensino Fundamental completo
 - b. Ensino Fundamental incompleto
 - c. Ensino Médio completo
 - d. Ensino Médio incompleto
 - e. Ensino Superior completo
 - f. Ensino Superior incompleto
 4. Qual sua profissão?
 5. Em que bairro da cidade do Rio de Janeiro você mora?

7.2. Anexo II

- Texto introdutório da página:
 - Nesse momento, precisaremos conhecer um pouco mais sobre sua maneira de agir durante uma conversa
- Perguntas:
 1. Há quanto tempo, aproximadamente, você conversa pela Internet?
 - a. Cerca de 30 anos
 - b. Cerca de 20 anos
 - c. Cerca de 10 anos
 - d. Cerca de 5 anos
 - e. Não sei ao certo
 - f. Não converso pela Internet
 2. Com que frequência você conversa pela Internet?
 - a. A todo momento
 - b. Na maior parte do dia
 - c. Às vezes, quando é necessário
 - d. Raramente, converso mais pessoalmente
 - e. Não converso pela Internet
 3. Em qualquer conversa no dia a dia, dentro ou fora das redes, com que frequência você faz uso de palavras como coisa/treco/negócio para substituir alguma outra?
 - a. Em toda conversa de que participo
 - b. Na maioria das conversas de que participo
 - c. Às vezes, em algumas conversas bem específicas
 - d. Em momentos bem raros
 - e. Em nenhuma conversa
 4. Em quais ambientes você geralmente faz uso dessas palavras?³⁰ (Pergunta de resposta múltipla)
 - a. Com família
 - b. Com colegas de trabalho
 - c. Com pessoas em cargos superiores no trabalho
 - d. Com amigos da escola/faculdade

³⁰ Pergunta com possibilidade de múltiplas repostas para possibilitar ao informante revelar os múltiplos contextos de possível ocorrência.

- e. Com professores da escola/faculdade
- f. Na Internet em geral
- g. Com amigos próximos
- h. Com desconhecidos
- i. Não faço uso dessas palavras
- j. Outros ambientes

7.3. Anexo III

7.3.1. Situação Conversacional I



7.3.2. Questões

1. Pela maneira como a conversa está se dando, o que você entende por “coisa” no terceiro quadro?
 - a. Esponja
 - b. Copo
 - c. Celular
 - d. Planta
 - e. Não é possível entender
2. Como você chegou a essa conclusão?
3. Observações – alguma observação que queira comentar? Escreva abaixo:

7.4. Anexo IV

7.4.1. Situação Conversacional II



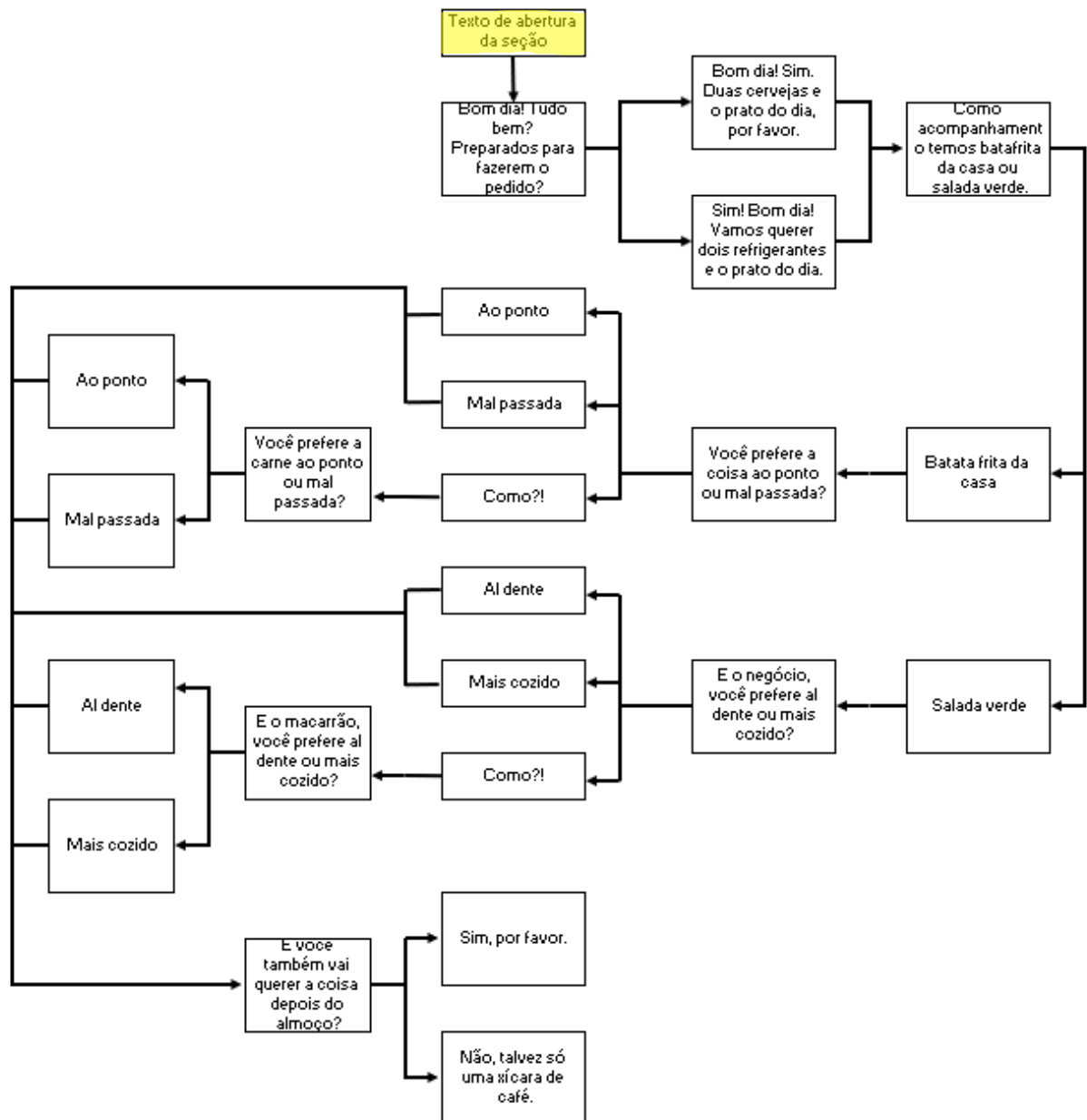


7.4.2. Questões

1. Pela maneira como a conversa está se dando, o que você entende por “coisa” no terceiro quadro?
2. Observações – alguma observação que queira comentar? Escreva abaixo:

7.5. Anexo V

7.5.1. Fluxograma



7.5.2. Situação Conversacional III





7.6. Anexo VI

Profissões

- | | | |
|-------------------------|-----------------------------|--------------------------|
| ■ Professor(a) | ■ Estudante | ■ Designer |
| ■ Revisor(a) | ■ Cirurgião-dentista | ■ Gerente de tecnologia |
| ■ Telemarketing | ■ Assistente administrativo | ■ Tec. Em enfermagem |
| ■ Administradora | ■ Servidor público | ■ Secretária |
| ■ Tec. Em seg. no trab. | ■ Escritor(a) | ■ Tatuador(a) |
| ■ Biomédico(a) | ■ Engenheiro(a) | ■ Operador de multimídia |
| ■ Fiscal de ônibus | ■ Supervisor(a) | ■ Téc. Em laboratório |
| ■ Contador(a) | ■ Analista administrativo | ■ Fisioterapeuta |
| ■ Empresário(a) | ■ Advogado(a) | ■ Militar |
| ■ Jornalista | ■ Assistente de engenharia | ■ Inspetor(a) |
| ■ Corretor de imóveis | ■ Bailarina | ■ Head de produto |
| ■ Sem emprego | | |

